



NOVEMBRO 2020

# AVALIAÇÃO QUALITATIVA

## Programa Criança Feliz



PLAN\*

MINISTÉRIO DA  
CIDADANIA



## FICHA TÉCNICA

DIREÇÃO

**Fabrizio Cardoso Rigout**

COORDENAÇÃO DE PESQUISA

**Rafaela Cordeiro Antoniazzi**

APOIO TÉCNICO

**Rosa Valéria Azevedo Said**

CONSULTORIA

**Maria Beatriz Linhares**

PESQUISADORAS

**Jessica Daminelli**

**Larissa Schwedersky**

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

**Pauline Gillet, Amanda Vasconcelos**

**Manaíra Abreu - Mandacaru**

<b>1. SUMÁRIO EXECUTIVO</b>	<b>06</b>	<b>5. RESULTADOS DA PESQUISA</b>	<b>34</b>
<b>2. INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>	5.1. CONHECIMENTOS E HABILIDADES ADQUIRIDOS PELOS CUIDADORES	36
2.1. SOBRE O PROGRAMA CRIANÇA FELIZ	15	5.1.1. Valorização do Brincar e da Leitura	41
<b>3. SOBRE A PESQUISA</b>	<b>18</b>	5.2. BENEFÍCIOS PERCEBIDOS	47
3.1. ABORDAGEM METODOLÓGICA	20	5.3. BARREIRAS E DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS CUIDADORES	55
3.2. COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA	24	5.4. RELAÇÕES ENTRE EQUIPE E FAMÍLIAS	59
3.3. LIMITAÇÕES DO ESTUDO	27	5.4.1. Relação/comunicação visitador-cuidador	59
<b>4. IMPLEMENTAÇÃO DO PCF EM CADA MUNICÍPIO PESQUISADO</b>	<b>28</b>	5.4.2. Relações visitador-crianças beneficiadas	63
4.1. MARAGOGIPE (BA)	29	5.4.3. Relações visitador e outros familiares	65
4.2. GOVERNADOR MANGABEIRA (BA)	30	5.4.4. Implicações do Gênero na Interlocução com a Família	67
4.3. CAPITÃO ENÉAS (MG)	31	5.5. ROTINA DO TRABALHO REALIZADO PELAS EQUIPES DO PCF	70
4.4. SALINAS (MG)	31	5.5.1. Relação visitador-supervisor	74
4.5. TOCANTINÓPOLIS (TO)	32	5.5.2. Desafios e recursos de apoio aos visitantes	76
4.6. SÃO PAULO (SP)	33	5.6. CONHECIMENTO TÉCNICO E CAPACITAÇÃO	80
		5.7. POTENCIAIS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO E INSTITUIÇÕES DE APOIO	85
		5.7.1. Whatsapp – Acesso e limitações	86
		5.7.2. Outros veículos de comunicação	90
		5.7.3. Potenciais Espaços de Reforço e Apoio	92
		<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES</b>	<b>96</b>
		<b>7. BIBLIOGRAFIA</b>	<b>106</b>

# 1. SUMÁRIO EXECUTIVO

**O Programa Criança Feliz (PCF)**, criado em 2016, procura contribuir com o desenvolvimento das crianças enfocando, especificamente, a fase da primeiríssima infância. O presente estudo teve por objetivo contribuir com as próximas fases do PCF, apoiando-se em um levantamento realizado por meio de 128 entrevistas semiestruturadas com supervisores, visitantes, cuidadores das crianças, familiares e lideranças locais em seis municípios, a saber: Maragogipe (BA), Governador Mangabeira (BA), Salinas (MG), Capitão Enéas (MG), Tocantinópolis (TO) e São Paulo (SP).

Apesar das limitações de técnicas de pesquisa enfrentadas pela equipe por conta da ocorrência da COVID-19, os resultados deste estudo apontam para ganhos de conhecimentos e habilidades dos cuidadores, tais como:

- Melhorias na capacidade de se comunicar com as crianças e mais paciência ao atender suas crianças;
- Maior dedicação e disponibilidade de cuidadores com as crianças;
- Tanto cuidadores com apenas uma criança quanto aqueles que cuidam de mais de uma criança enxergam benefícios no Programa;
- Reconhecimento e valorização sobre a importância de estímulos e do brincar para o desenvolvimento da criança;
- Reconhecimento da mãe de que tanto a criança quanto ela aproveitam os momentos de brincadeira;
- Cuidadores dizem não ter dificuldade em compreender as atividades sugeridas pelos visitantes;
- Aumento de momentos de leitura de alguns cuidadores.

Entre o benefícios percebidos, destacaram-se os seguintes pontos:

- Reconhecimento dos fortalecimentos de vínculos entre cuidadores e crianças;
- Objetivos do PCF foram ficando mais claros entre alguns cuidadores ao longo de sua participação no Programa;
- Cuidadores se referem a contribuições ao desenvolvimento das crianças por parte do Programa (ex. melhor coordenação motora, aumento da capacidade de comunicar);
- Alguns cuidadores externalizam aspirações para o futuro das crianças, associando ao tipo de atividades e aprendizagem que o PCF traz para a criança.

Há, por outro lado, barreiras estruturais que dificultam a aderência do Programa, destacando:

- Sobrecarga de trabalho das mães unida à falta de apoio dos parceiros na divisão das tarefas domésticas, afetando a disponibilidade da mãe em dispensar os cuidados com a casa para dar atenção à criança;
- Famílias convivendo em domicílios com pouco espaço físico;
- As visitas semanais podem dificultar a “entrada” do Programa entre algumas famílias devido a sobrecarga de trabalho dos cuidadores.

As entrevistas revelaram, de maneira geral, boas relações estabelecidas entre as famílias e os visitantes:

- Cuidadores relataram gostar dos visitantes e acreditavam que esses possuíam bons conhecimentos técnicos sobre cuidados com as crianças;
- Boas relações entre visitantes e crianças, incluindo as outras crianças residentes no domicílio, foram valoriza-

das pelos cuidadores e pareciam colaborar com a “entrada” do PCF nos domicílios;

- Mães preferiam ser atendidas por visitantes mulheres e se identificavam mais com visitantes que também fossem mães;
- O envolvimento de outros membros da família, como avós, tios etc. parecia ser circunstancial, ocorrendo quando esses estão em casa durante as visitas;
- Os pais/homens não costumam ser envolvidos nas atividades sugeridas pelo Programa.

Em contrapartida, olhando para o trabalho realizado pelas equipes do PCF, algumas limitações podem prejudicar as condições de trabalho dos visitantes, desfavorecendo o acompanhamento das famílias, ressaltando:

- Falta de apoio ao deslocamento para áreas mais remotas ou socialmente inseguras;
- Visitas algumas vezes são realizadas por mais de um visitante devido a dificuldades com transporte;
- Por atender outros serviços de assistência social além do PCF, equipe de São Paulo apontou para sobrecarga de trabalho;
- Necessidade de mais capacitação dos visitantes e supervisores em áreas cobertas pelo programa.

Com relação aos veículos de comunicação e apoio de outras instituições ao Programa, os seguintes pontos foram destacados:

- O Whatsapp é um veículo de comunicação bastante acessível entre os cuidadores e passou a ser usado com bastante frequência durante a pandemia da COVID-19 no apoio das atividades sugeridas pelo Programa. Os cuidadores, no entanto, valorizam bastante as visitas presenciais, sugerindo que essas devem voltar a ocorrer depois da pandemia;

- Com relação a outros espaços de apoio, as instituições religiosas mostraram estar bastante presentes na rotina de muitos cuidadores, abordando questões sobre cuidados com as crianças, inclusive.

O presente relatório descreverá os principais achados da pesquisa, incluindo comentários e reflexões sobre estes, assim como algumas sugestões e pontos de atenção. Em suma, as recomendações são:

- Expansão do Programa de modo a atender um maior número de famílias, avaliando atendimento “misto”, de visitas presenciais e remotas, para alguns casos particulares;
  - Avaliar os benefícios de trazer os irmãos para um papel mais central no Programa, envolvendo-os nas atividades, seja para fortalecer os laços fraternos, seja para incluí-los como agentes mediadores de conhecimento;
  - Incentivar os cuidadores a criar brincadeiras e atividades, promovendo a sustentabilidade das mudanças de comportamento;
  - Além de brincadeiras, fazer sugestões que possam apoiar as tarefas cotidianas das famílias, como hora do banho e hora de dormir;
  - Além dos materiais já oferecidos (massinha, tinta, palitos de sorvete etc.), fornecer cartilhas ou livros ilustrados para a incentivar a leitura com as crianças;
  - Sugerir atividades que atraiam mais a atenção dos homens, avaliando também alocar visitantes homens para trabalhar com os pais;
  - Trabalhar canais de comunicação com a igreja e criar grupos no WhatsApp, que promovam a troca de experiências;
- Padronizar as capacitações das equipes, destacando ações e atitudes das equipes do Programa que devem ocorrer de forma homogênea;
  - Aumentar a frequência de cursos de capacitação, abordando novos temas como crianças afastadas do convívio familiar ou a comunicação e sugestões de atividades direcionadas aos diferentes perfis de mães;
  - Disponibilizar veículos à equipe para deslocamento e atendimento de locais mais afastados.

## 2. INTRODUÇÃO

As evidências científicas demonstram o quanto a *primeira infância* é um período sensível para a trajetória do desenvolvimento humano, considerando as grandes aquisições e domínios de habilidades relevantes nas áreas motora, cognitiva, da linguagem, emocional e social. Nesta fase especial, os pais ou cuidadores principais desempenham um papel relevante na promoção do desenvolvimento saudável e adaptativo das crianças. Idealmente, eles devem proporcionar um ambiente estável, provendo ótimas condições de saúde, oportunidades de aprendizados e interações sociais responsivas de boa qualidade (Britto, Lye, Proulx, 2016; Shonkoff, 2010). As interações mãe e criança qualificadas positivamente caracterizam-se por um cuidado nutridor (*nurture care*), com calorosidade (*warmth*), que se expressa por meio dos cuidados com a criança em desenvolvimento (*Nurturing Care - for Early Childhood Development, 2020; Nurturing Care Framework: Why nurturing care?, 2020; Fisher, Frenkel, Noll, Berry, & Yockelson, 2016*). As interações mãe-criança necessitam ter sincronia para promover o desenvolvimento infantil, na medida em que nas relações sincrônicas se estabelecem adaptações dinâmicas e recíprocas da estrutura temporal de comportamentos da díade (Leclère et al., 2014). A responsividade e a reciprocidade são elementos essenciais de uma interação qualificada, pois estabelecem uma relação bidirecional entre o cuidador e a criança, ao mesmo tempo atende aos sinais e demandas da criança, promovendo desta forma o seu desenvolvimento (Fisher, Frenkel, Noll, Berry, Yockelson, 2016; *Center on the Developing Child, 2020*).

Porém, a capacidade dos pais ou outros cuidadores principais de cuidarem de crianças pode ser prejudicada por diversos fatores estruturais (condições de vida por exemplo) e não estruturais, tais como o conhecimento sobre a importância do estímulo, da atenção dada às necessidades e respostas da criança, da disponibilidade para brincar com a criança etc. A relevância da primeira infância está explicitamente citada na

Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) para os *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável* (ODS). A ONU registra que até 2030 o objetivo é acabar com todas as formas de pobreza, desnutrição, mortes evitáveis, além de garantir o acesso à educação pré-primária de qualidade.

No Brasil, infelizmente, muitas famílias lidam com a falta de recursos para investir nos cuidados das crianças, o que leva ao sofrimento pela falta de acesso a serviços de saúde, má nutrição, falta de saneamento e outras necessidades básicas.

Diante disto, o Programa Criança Feliz (PCF) foi criado com o objetivo de promover o desenvolvimento das crianças vivendo em contextos de vulnerabilidade. A presente pesquisa, portanto, teve por objetivo principal examinar as percepções e opiniões dos pais ou outros cuidadores principais de crianças entre 0 e 3 anos de idade beneficiadas pelo Programa, supervisores e visitantes do Programa Criança Feliz. O estudo procura, especialmente, investigar os efeitos da implementação do Programa, em termos do aumento de conhecimentos e mudanças de comportamentos dos pais e cuidadores. Além disso, a pesquisa também examinou aspectos relacionados ao trabalho dos visitantes e supervisores. Espera-se que as informações aqui reportadas possam subsidiar o planejamento e a execução das atividades do referido programa.

A avaliação da aplicabilidade e usabilidade do programa, envolvendo os componentes de engajamento, interatividade e satisfação, foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas e de revisão documental. Com base na análise dos relatos e dos documentos foi possível mapear como os usuários/users e equipe/providers avaliam o Programa de acordo com sua visão na prática cotidiana. Deve-se destacar que, embora o PCF possa abranger outras fases do desenvolvimento da criança, a pesquisa focalizou exclusivamente a fase de 0 a 3 anos.

## 2.1. SOBRE O PROGRAMA CRIANÇA FELIZ

O Programa Criança Feliz, lançado em outubro de 2016, tem como objetivo apoiar o desenvolvimento integral das crianças na fase da primeiríssima infância (desde a gestação até os 3 anos de idade, estendendo-se para os 6 anos nos casos de crianças que recebem o Benefício de Prestação Continuada [BPC] e aquelas afastadas do convívio familiar). Visando a promoção das habilidades parentais, o PCF atua por meio de visitas domiciliares, promovendo o protagonismo e os vínculos familiares. Propondo principalmente brincadeiras e atividades de comunicação, o PCF busca incentivar o desenvolvimento de habilidades motoras, de linguagem, cognitivas e socioemocionais das crianças, além do fortalecimento de vínculos entre cuidador principal e criança.



Fonte: Equipe do PCF de Capitão Eneas (MG)



Segundo o Guia de Visita Domiciliar, o Programa Criança Feliz se destina aos seguintes públicos:

1. Gestantes e crianças de 0 a 36 meses e suas famílias inseridas no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal - CadÚnico;
2. Crianças de 37 a 72 meses e suas famílias beneficiárias do Benefício de Prestação Continuada (BPC);
3. Crianças de até 72 meses afastadas do convívio familiar em razão da aplicação de medida protetiva prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente.

O referencial teórico do PCF são os "Cuidados para o Desenvolvimento da Criança (CDC)", descrito na Apostila utilizada para capacitação e apoio à equipe do Programa. A metodologia CDC, elaborada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), fundamenta-se no cuidado das crianças considerando-se as diferentes fases do seu desenvolvimento e vínculos familiares, e encontra-se descrita no Guia de Visita Domiciliar. Respeitando a singularidade de cada criança, essa metodologia valoriza as interações familiares, considerando atividades comunicativas e o "brincar" como um alicerce de vínculos familiares e da promoção do desenvolvimento infantil.

O PCF está articulado às redes socioassistenciais dos municípios nos quais está inserido. Sendo assim, tendo em vista o acompanhamento domiciliar com frequência regular, a equipe do PCF passa a ser também interlocutora das demandas identificadas em cada família, proporcionando os devidos encaminhamentos às demais políticas sociais.

### 3. SOBRE A PESQUISA

A presente pesquisa teve dois objetivos principais. O **Objetivo Geral 1** foi estudar a interação entre visitantes e cuidadores de crianças entre zero e três anos de idade, sendo este um dos pilares do PCF. Nesse sentido, por meio de relatos, procurou-se investigar a qualidade das visitas realizadas, considerando capacitação, dificuldades e facilitadores na comunicação entre visitantes, cuidador principal e famílias.

O **Objetivo Geral 2** do estudo foi examinar a percepção das mães/cuidadoras sobre as atividades proporcionadas pelo PCF e sobre os benefícios das visitas domiciliares para o desenvolvimento da criança.

Além das interações visitante-família e percepções sobre o PCF, esta pesquisa também abordou algumas questões relacionadas às diferenças de gênero, que são transversais aos dois objetivos de pesquisa mencionados acima.

Tendo em vista os objetivos da pesquisa, nota-se, portanto, que as gestantes, as crianças acima de 36 meses e as crianças afastadas do convívio familiar, acompanhados pelo PCF, não foram foco de investigação deste estudo.

Espera-se que os resultados apresentados possam apoiar a revisão e definição dos perfis de visitantes e supervisores, melhorar as capacitações das equipes do PCF, produzir materiais de comunicação, testar tecnologias de informação e identificar práticas de aprendizagem coletivas.

### 3.1. ABORDAGEM METODOLÓGICA

Este é um estudo descritivo baseado na análise de conteúdo de 128 entrevistas semi-estruturadas. Embora estivesse prevista também a realização de grupos focais e observações das visitas da equipe do PCF, a gravidade do cenário de pandemia (COVID-19) inviabilizou a aplicação dessas técnicas de pesquisa. Nesse sentido, as entrevistas em profundidade ocorreram todas de forma remota via telefone ou Zoom.

Todo o conteúdo das entrevistas foi categorizado com o apoio do software Atlas.ti, capaz de trabalhar com gravações de áudio, arquivos de texto e imagens. Dessa forma, a equipe utilizou categorias de análise temáticas para a organização de todas as gravações obtidas das entrevistas que, mais tarde, serviram de base para a elaboração desse relatório.

Além das entrevistas, a equipe de pesquisa consultou também as Orientações Técnicas do próprio PCF, destacando a Apostila de Cuidados sobre o Desenvolvimento da Criança - CDC e os Guias de Visitas, desenvolvidos pelo Ministério da Cidadania. Houve também consulta de estudos previamente realizados sobre o Criança Feliz, especialmente uma pesquisa realizada para avaliar a implementação do referido Programa<sup>1</sup>. Também foram utilizadas outras referências bibliográficas relacionadas aos cuidados com as crianças e desenvolvimento da primeira infância. Importante destacar que, embora a Avaliação de Implementação do PCF possa ser considerada como uma espécie de linha de base, os municípios que foram objeto daquele estudo não coincidem com os municípios abordados pela presente pesquisa.

Em termos de públicos de entrevistados, o estudo abordou as seguintes pessoas: supervisores do PCF, visitantes, cuidadores das crianças beneficiadas, outros familiares e lideranças

locais, tais como representantes dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) e dos Serviços de Assistência Social à Famílias (SASFs). No caso dos visitantes, como as diferenças de gênero também são foco deste estudo, a equipe de pesquisa procurou entrevistar, quando possível, pelo menos um visitante homem.

Os contatos dos cuidadores entrevistados foram disponibilizados pelas equipes do PCF de cada município da pesquisa: Maragogipe (BA), Governador Mangabeira (BA), Salinas (MG), Capitão Enéas (MG), São Paulo (SP) e Tocantinópolis (TO). Visando captar uma maior diversidade de perfis de cuidadores, a equipe de pesquisa solicitou aos supervisores e visitantes que indicassem famílias com maior e menor adesão ao PCF, assim como famílias que tinham apenas uma criança até 3 anos de idade e famílias com mais de uma criança, em que pelo menos uma tivesse até 3 anos de idade. Visto que este estudo procura explorar também a questão das relações de gênero, a equipe de pesquisa também buscou contato de cuidadores homens, sempre que possível.

Ao todo, foram realizadas 128 entrevistas entre julho e agosto de 2020. A Tabela 1 apresenta a caracterização da amostra, distribuída por municípios. No município de São Paulo - extremamente grande e complexo, em termos de estrutura da rede de assistência social, as entrevistas com os cuidadores e demais familiares concentraram-se apenas na zona Sul da cidade. Essa escolha foi feita diante do fato de que esta é a região onde se encontra o maior número de beneficiários do PCF.

No caso de Capitão Enéas (MG), por sua vez, a classificação das famílias não foi possível de ser obtida a partir dos critérios propostos por conta de dificuldades de comunicação com a equipe local. Neste município, no entanto, foram entrevistados, ao todo, 12 cuidadores, seguindo o mesmo número de famílias entrevistadas nos outros municípios.

<sup>1</sup> Avaliação de Implementação do Programa Criança Feliz - Relatório Final. Departamento de Avaliação. Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação. Ministério da Cidadania. Brasília, 2019

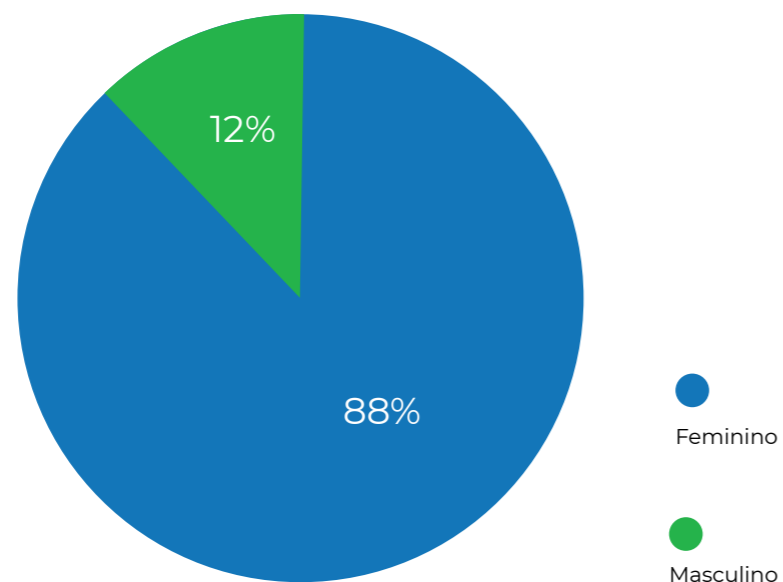
Tabela 1: Caracterização da amostra, distribuída por municípios

Público-alvo	BAHIA	MINAS GERAIS			SÃO PAULO				TOCANTINS	Total
	Maragogipe	Governador Mangabeira	Salinas	Capitão Enéas	N	S	L	O	Tocantinópolis	
Supervisores	1	1	2	1	1	1	1	1	1	10
Visitadores	3	3	3	6	2	2	2	2	3	26
Cuidadores	13	12	12	12	0	13	0	0	12	74
Mães/cuidadoras com 1 criança de até 3 anos de idade que estão a aderir mais às recomendações	3	3	3	12		3		3	3	18
	3	3	3			3		3	3	18
Mães/cuidadoras com 1 criança de até 3 anos de idade que não aderem tanto às recomendações	3	3	3	12		3		3	3	18
	3	3	3			3		3	3	18
Pais/cuidadores (homem) com uma criança até 3 anos de idade (Conforme encontrar)	1	0	0	0		1			0	2
Outro membro da família (somente aqueles que ficam mais tempo em casa), de qualquer uma das categorias de mães/cuidadoras	1	2	1	1		1		1	1	8
Líderes	1	2	2	2	1	1	1	1	2	13
<b>TOTAL</b>	<b>19</b>	<b>20</b>	<b>20</b>	<b>22</b>	<b>4</b>	<b>19</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>19</b>	<b>128</b>

### 3.2. COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA

Durante o período de realização do estudo havia uma clara predominância das mulheres (88%) envolvidas no Programa, fossem elas parte da equipe do PCF ou cuidadoras principais das crianças beneficiadas. No caso dos 74 cuidadores entrevistados, por exemplo, apenas dois eram homens. Essa estrutura está refletida na amostra do presente estudo.

**Gráfico 1: Composição da amostra (homens vs. mulheres)**



A média de idade dos cuidadores principais e dos familiares das crianças beneficiárias, dentro da amostra, era de 29 anos, aproximadamente, variando entre 15 e 73 anos. Por outro lado, a média de idade da equipe do Programa (supervisores e visitantes) entrevistados para esse estudo era de 34 anos, aproximadamente, variando entre 22 e 60 anos.

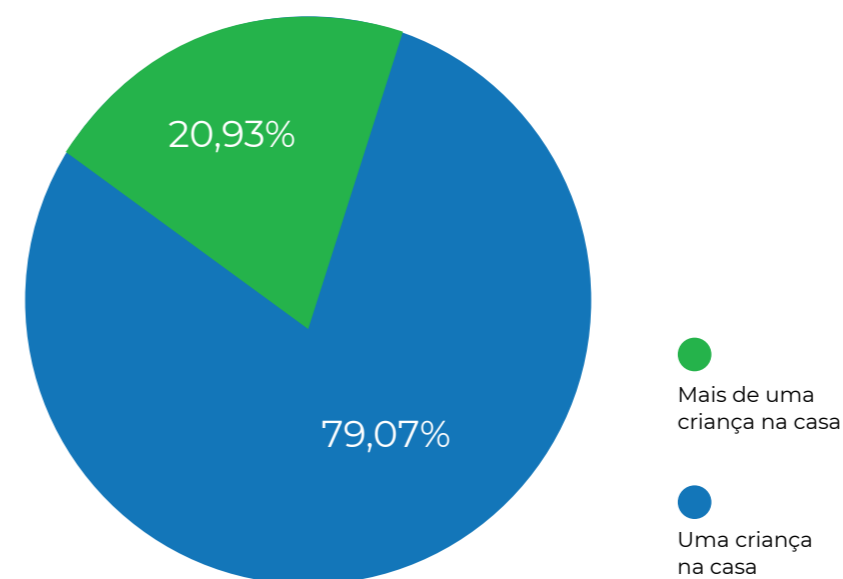
**Tabela 2: Proporção de cuidadores que declararam saber ler e escrever**

Cuidadores que sabem ler e escrever	Frequência	Porcentagem
Sim	69	93,24
Não	4	5,41
Sem resposta	1	1,35
Total	74	100

Entre os 74 cuidadores principais, 40 (63,51%) declararam possuir o Ensino Médio completo. Em anos de escolaridade, a média desse público girava em torno de 11 anos.

A quantidade média de crianças na casa era de 2, aproximadamente, e a idade delas variou entre zero e 10 anos. A média da idade das crianças beneficiadas era de quase 2 anos.

**Gráfico 2: Quantidade de crianças nos domicílios atendidos**



A maioria dos cuidadores principais declarou que não trabalha fora de casa. Entre aqueles que trabalham, a média foi de 8,1 horas fora de casa.

Com relação ao acesso a smartphone, 78% dos cuidadores, aproximadamente, registraram possuir esse tipo de aparelho.

**Tabela 3: Proporção de cuidadores que trabalham fora de casa**

Cuidadores que trabalham fora	Frequência	Porcentagem
Sim	11	14,86
Não	63	85,14
Total	74	100

Entre os 26 visitantes entrevistados, somente 10 possuíam ensino superior. As formações mencionadas eram nas áreas de Serviço Social, Psicologia, Pedagogia, Licenciatura em Biologia, Filosofia e Ciências Sociais. Ao mesmo tempo, todos os 10 supervisores entrevistados possuíam ensino superior.

**Tabela 4: Proporção de cuidadores que possuem smartphone**

Cuidadores que possuem smartphone	Frequência	Porcentagem
Sim	58	78,38
Não	16	21,62
Total	74	100

Os supervisores acompanhavam 102 famílias, em média, e nenhum deles exerceu previamente a função de visitante do PCF. Cada visitante, por sua vez, acompanhava em média 30 famílias.

### 3.3. LIMITAÇÕES DO ESTUDO

A principal limitação da presente pesquisa foi a necessidade de realizar entrevistas remotas em vez de presenciais, devido às medidas de distanciamento social provocadas pela pandemia da COVID-19. É inquestionável que a visita ao campo permitiria uma imersão maior por parte dos pesquisadores nos contextos pesquisados. Além de conseguir observar espaços e comportamentos, o contato pessoal tende a deixar a conversa mais fluida e o entrevistado se sente mais à vontade para colocar suas opiniões. O "campo remoto", por outro lado, traz consigo a necessidade de lidar com questões, tais como: a baixa qualidade das ligações telefônicas e uma maior dificuldade de compreensão e interpretação das perguntas por parte dos entrevistados.

Além disso, não foi possível também realizar grupos focais e observação direta das visitas realizadas pela equipe do PCF, como estava previsto no início da pesquisa. No caso da ausência de observações, especificamente, é necessário considerar que alguns comportamentos ou práticas relatadas pelos entrevistados talvez não estejam ocorrendo conforme informado.

Por último, por ter que realizar entrevistas de forma remota, a equipe de pesquisa dependeu ainda mais da cooperação das equipes locais do PCF para envio de contato dos cuidadores e classificação dos seus perfis. Não somente a pesquisa restringiu as entrevistas aos cuidadores que possuem aparelho de celular, mas também às indicações dos visitantes e supervisores. Por isso, há o risco de a equipe de pesquisa não ter tido acesso a famílias mais críticas em termos de vulnerabilidade psicossocial, trazendo mais riscos de viés nas informações obtidas.

## 4. IMPLEMENTAÇÃO DO PCF EM CADA MUNICÍPIO PESQUISADO

---

Embora existam diretrizes claras sobre como o programa deve ser executado, estabelecidas nas Orientações Técnicas do Programa Criança Feliz, foi possível perceber algumas variações no modo como os diferentes municípios implementam o Programa, como será visto a seguir. Destaca-se que as atividades de rotina do PCF nos diferentes municípios estudados precisaram ser adaptadas às restrições do cenário atual da pandemia da COVID-19.

### 4.1. MARAGOGIPE (BA)

---

No município de Maragogipe, a equipe era composta, no momento da pesquisa, por 1 supervisor e 5 visitantes, recrutados por meio de processo seletivo promovido pela Prefeitura. Os cuidadores foram recrutados por meio de busca ativa. O convite para participação no Programa foi feito, portanto, de porta em porta pelos visitantes do Programa.

As reuniões de planejamento para os atendimentos ocorriam semanalmente, todas às sextas-feiras, enquanto que as visitas ocorrem de segunda a sexta-feira. As visitas eram realizadas com dia e hora marcados, considerando o pedido e a disponibilidade de cada cuidador sempre que possível. Além disso, por conta de dificuldades de deslocamento e riscos de segurança que alguns bairros oferecem, havia ocasiões em que uma visita era realizada por mais de um visitante.

Com a pandemia da COVID-19, a equipe do programa passou a ter contato com as famílias prioritariamente via WhatsApp. Cada visitante criou um grupo com as famílias que acompanha, onde semanalmente enviava vídeos de atividades e solicitava que as famílias enviassem, também no grupo, fotos ou vídeos realizando as atividades. No início da pandemia, foram distribuídos kits entre as famílias, contendo materiais como lápis de cor, massa de modelar, entre outros.

#### 4.2. GOVERNADOR MANGABEIRA (BA)

A equipe do PCF em Governador Mangabeira era formada, no momento da pesquisa, por 1 supervisora e 3 visitadoras. Cada visitadora atendia em média 30 famílias, embora antes da pandemia fosse comum que as três visitadoras do município fizessem as visitas juntas. Neste município as visitadoras foram contratadas por meio de indicação. As orientações técnicas sobre o Programa foram fornecidas para as visitadoras por meio da supervisora do PCF no município logo após a contratação.

Neste município os cuidadores também foram convidados a participar do programa por meio de busca ativa, isto é, as visitadoras foram até a casa da família e perguntaram se tinham interesse em participar. Embora fosse menos comum, havia também a possibilidade de ingressar no programa por meio de demanda espontânea, quando a cuidadora manifesta vontade de participar e procura o CRAS ou as visitadoras para se cadastrar.

Algumas cuidadoras relataram que começaram a participar do Programa somente no início de 2020, e receberam apenas 2 ou 3 visitas até a metade do ano. Por conta das medidas de distanciamento social, as visitadoras do município deixaram de entrar nas casas, realizando somente visitas semipresenciais (na porta da residência). Até a data das entrevistas, o uso do WhatsApp era restrito à comunicação entre a equipe do Programa, e eventualmente usado para agendamento de visitas às famílias. Em casos em que não era possível realizar a visita presencial ou semipresencial, o contato era feito por meio de ligação telefônica.

Foram distribuídas cestas básicas no início da pandemia e, no dia das mães, bolo, refrigerante e uma pequena cesta de alimentos. Algumas cuidadoras também relataram ter recebido kits com máscara para as crianças e álcool em gel.

#### 4.3. CAPITÃO ENÉAS (MG)

Durante o período de entrevistas a equipe de Capitão Enéas era composta por uma supervisora e 6 visitadoras, que trabalhavam em uma sala exclusiva para o PCF nas instalações do CRAS. Cada visitadora atendia em média 20 famílias. O recrutamento da equipe foi realizado via Edital lançado pela Prefeitura.

Neste município, as famílias eram cadastradas no PCF por meio de busca ativa, com base em uma lista do público prioritário fornecida pela Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação (SAGI) do Ministério da Cidadania.

Antes do início da pandemia as visitas às famílias ocorriam semanalmente ou duas vezes por semana, e as reuniões de planejamento aconteciam semanalmente. Com a Covid-19, as visitas presenciais passaram a ser realizadas somente para as famílias que não possuíam telefone celular, e sempre com distanciamento social (atividades entregues na porta da casa). Os atendimentos para famílias que possuíam celular eram realizados via ligação telefônica ou WhatsApp, por meio de conversas individuais (visitador-cuidador).

#### 4.4. SALINAS (MG)

No período de realização deste estudo, a equipe de Salinas era composta de 2 supervisoras e 12 visitadoras, que dividiam seus atendimentos em dois territórios do município. Cada visitadora atendia em média 30 famílias.

Como nos demais municípios, em Salinas também era realizada busca ativa para cadastramento de famílias que correspondiam ao perfil do programa. Além da busca de casa em casa, os convites para participar do Programa também eram feitos durante os atendimentos no CRAS, para mulheres grávidas ou cuidadores que preenchessem os critérios.



As visitas às famílias eram realizadas de segunda à sexta-feira e as reuniões de equipe aconteciam semanalmente nas instalações do CRAS. Após o início da pandemia, as visitas domiciliares passaram a acontecer somente uma vez por mês de forma presencial com distanciamento, e três contatos mensais eram realizados de forma remota, por meio do WhatsApp.

#### 4.5. TOCANTINÓPOLIS (TO)

Em Tocantinópolis, a equipe era composta por 1 supervisora e 5 visitadoras. Os cuidadores eram recrutados por meio de busca ativa com base na lista do Bolsa Família. Durante o período de entrevistas para este estudo, o município estava passando por processo seletivo para a contratação de mais visitadores para conseguir atender mais 150 famílias, além das 150 já atendidas.

As visitas domiciliares ocorriam semanalmente, entre segunda e quinta-feira, e as reuniões de planejamento eram realizadas sempre nas sextas-feiras. Após o início da pandemia, as visitas domiciliares deixaram de acontecer e a comunicação entre visitadores e cuidadoras passaram a se realizar principalmente via WhatsApp, ou por meio de visitas com distanciamento (atividades entregues na porta de casa).

A equipe do PCF distribuía, quando possível, cestas básicas para algumas famílias. Também foram relatados casos em que as visitadoras levavam lanches para as crianças durante as visitas.

Uma particularidade de Tocantinópolis é que neste município existiam muitas famílias indígenas Apinajés atendidas pelo PCF. Por conta das dificuldades de contato remoto com as aldeias, não foi possível entrevistar nenhuma dessas famílias.

#### 4.6. SÃO PAULO (SP)

Em São Paulo, o PCF funcionava como uma extensão do Serviço de Assistência Social à Família (SASF), e não vinculado ao CRAS como nos demais municípios. A equipe do município está distribuída em 3 zonas: Norte, Sul e Leste. No total, são 216 supervisores (técnicos) e 432 visitadores (orientadores), que acumulavam as atribuições no PCF com outras atividades desempenhadas nos SASF.

O trabalho era dividido entre três zonas da cidade: Norte, Sul e Leste, sendo que na Zona Sul existiam duas unidades do SASF. As visitas aconteciam semanalmente e as reuniões de planejamento ocorriam uma ou duas vezes ao mês. Cada orientador fazia o plano de visitas de acordo com as orientações da técnica responsável, sempre acompanhando as indicações do portfólio, um arquivo de documentos em que as atividades eram organizadas seguindo os objetivos de desenvolvimento para cada idade<sup>1</sup>.

Com a pandemia, as equipes do município de São Paulo deixaram de realizar visitas presenciais às famílias e o contato entre visitadores e cuidadoras passou a acontecer apenas por meio de ligações telefônicas e conversas de WhatsApp.

<sup>1</sup> Considerando que São Paulo é um município de grande extensão, as entrevistas dos cuidadores foram focadas entre aqueles que residiam na Zona Sul, apenas.

## 5. RESULTADOS DA PESQUISA

Esta seção descreve os principais “resultados” da pesquisa em termos de comportamentos e relações entre famílias, visitantes e supervisores. Como já mencionado anteriormente, esta pesquisa separou a amostra de cuidadores entre 5 diferentes perfis:

1. Cuidadoras mulheres que cuidam de mais de uma criança e que aderem mais às recomendações do PCF segundo a equipe do Programa;
2. Cuidadoras mulheres que cuidam de apenas uma criança e que não aderem às recomendações do PCF segundo a equipe do Programa;
3. Cuidadoras mulheres que cuidam de apenas uma criança e que aderem mais às recomendações do PCF segundo a equipe do Programa;
4. Cuidadoras mulheres que cuidam de apenas uma criança e que não aderem às recomendações do PCF segundo a equipe do Programa;
5. Cuidadores homens.

Além disso, toda a amostra está dividida entre os seis municípios: Maragogipe (BA), Governador Mangabeira (BA), Capitão Enéas (MG), Salinas (MG), Tocantinópolis (TO) e São Paulo (SP). Do ponto de vista dos depoimentos de cuidadores, é importante ressaltar que não foram encontradas opiniões, percepções ou padrões sistemáticos entre os perfis ou entre as cidades.

## 5.1. CONHECIMENTOS E HABILIDADES ADQUIRIDOS PELOS CUIDADORES

Considerando que o Criança Feliz está baseado em visitas domiciliares que visam estimular novas práticas pelos cuidadores, esse estudo investigou novos conhecimentos adquiridos e possíveis habilidades estimuladas pelo Programa segundo relatos dos próprios cuidadores e equipes. Os principais conhecimentos e habilidades levantados, portanto, foram os seguintes:

- Melhorias na capacidade de se comunicar com as crianças e mais paciência ao atender suas crianças;
- Maior dedicação e disponibilidade de cuidadores com as crianças;
- Pouca participação dos pais (homens) em atividades com as crianças;
- Tanto cuidadores com apenas uma criança quanto aqueles que cuidam de mais de uma criança enxergam benefícios no Programa;
- Reconhecimento e valorização sobre a importância de estímulos e do brincar para o desenvolvimento da criança;
- Reconhecimento da mãe de que tanto a criança quanto ela aproveitam os momentos de brincadeira;
- Cuidadores dizem não ter dificuldade em compreender as atividades sugeridas pelos visitantes;
- Aumento de momentos de leitura de alguns cuidadores.

Os aprendizados obtidos pelos cuidadores podem se traduzir, em primeiro lugar, na adoção de novas práticas de comunicação e comportamentos na relação com a criança que, de modo geral, estão relacionados a práticas de cuidado mais responsivas, isto é, demonstrando um aumento na capacidade de atender às necessidades de seus filhos mentalmente, emocionalmente e fisicamente durante os primeiros anos de vida (Engle et al., 2011).

**“Quando ele acorda eu estou disponível pra brincar com ele. Mostrar as cores, brincar de bola para ele exercitar a perninha, dou uma colherzinha pra ele segurar, para que possa ir estimulando e aprendendo”**

Cuidador(a), Governador Mangabeira

**“Estou começando a 'entender' pela idade dela - de 1 ano e 4 meses - a entender o que ela quer. Tem horas que ela fica 'hum-hum', porque não sabe falar ainda, fala pouco. Aí ela [visitadora] ensinou a gente pedir para ela [criança] mostrar o que quer. Ela passou a me incentivar isso, a conversar mais, a entender ela, o que ela quer e o que ela quer falar.”**

Cuidador(a), Capitão Enéas

Um dos papéis dos visitantes é o de assumir a função de facilitador, incentivando as famílias a realizar atividades de estimulação para o desenvolvimento integral da criança. A metodologia CDC orienta que na primeira visita domiciliar o visitante realize o diagnóstico da família, de modo a conhecer o contexto e, posteriormente, planejar junto ao supervisor as ações que serão executadas. É esperado que o visitante avalie junto ao cuidador os resultados de cada visita realizada para verificar os aprendizados.

A compreensão sobre a necessidade de estar emocionalmente disponível para a criança também foi relatada por algumas cuidadoras. Ao ser questionada sobre aprendizados adquiridos por meio da participação no PCF, uma cuidadora de Governador Mangabeira respondeu, entre risos: "Eu aprendi a ter mais paciência!".

**“A gente aprende a se aproximar mais dos nossos filhos, a ter mais atenção. A gente aprende muito. É muito gostoso.”**

Cuidador(a), Maragogipe

A amostra deste estudo previu entrevistas com algumas cuidadoras com somente um filho, de modo que muitas mulheres relataram ser "mães de primeira viagem". O Programa parece ser particularmente benéfico para essas famílias, que estão experienciando pela primeira vez a responsabilidade por uma criança e que por vezes possuem menos conhecimento prático sobre os cuidados necessários durante a infância.

***“Como eu sou mãe de primeira viagem, a primeira menina [visitadora] que me acompanhou me ajudava muito em questão de dúvidas que eu tinha e ela me falava. Ela me falava que caso a nenê começasse a chorar, em caso de choro constante, poderia ser porque o dentinho dela tava nascendo, ou então cólica que ela poderia estar sentindo. Essas coisas assim de mãe de primeira viagem.”***

Cuidadora Tocantinópolis.

Para outras entrevistadas, como avós que convivem com a criança ou mães com filhos maiores, o programa tem funcionado como uma espécie de atualização sobre práticas de maternidade, proporcionando aprendizados e habilidades que antes não faziam parte do seu repertório. Os depoimentos sugerem, portanto, que tanto cuidadores com apenas uma criança quanto aqueles que cuidam de mais de uma criança enxergam benefícios no Programa.

***“Ela falou que era para incentivar [...] Antigamente, quando eu tive o primeiro, eu não sabia o que era isso direito. Elas que me ensinaram a brincar com ele, mostrar as cores, ir incentivando pra ver se mais tarde ele vai ter algum problema ou não. Pra gente ir estimulando.”***

Cuidadora, Governador Mangabeira



Brincadeira para ensinar as cores utilizando materiais reciclados. Foto: equipe PCF Capitão Enéas

***“Eu decidi [participar] porque eu achei uma ótima opção. Quando eu tive meu primeiro filho eu era nova, tinha 19 anos, não sabia que tinha que brincar com ele, dar as coisas pra ele segurar. Quando a menina veio aqui ela me explicou tudinho, que é pra gente ajudar a estimular e ver como ele vai se desenvolvendo. Eu gostei.”***

Cuidadora, Salinas

Por outro lado, para algumas cuidadoras com crianças mais velhas em casa ou aquelas que são mães há mais tempo, os aprendizados proporcionados pelo Programa têm menor impacto, aparentemente. Com base nas suas experiências com a maternidade, essas cuidadoras tendem a se sentir mais confiantes para cuidar e educar. Nesses casos, os entrevistados dizem que os momentos das visitas são interessantes por haver uma pessoa 'de fora' interagindo com a criança. As mães com mais de uma criança tendem a ter menos tempo para se dedicar às crianças, contudo,

não é possível afirmar que elas deem menos importância para o Programa mesmo diante de mais limitações.

O conceito de coparentalidade refere-se à aliança dos pais para se engajar e trabalhar em conjunto no cuidado dos filhos (Barreto, Koltermann, Crepaldi, & Vieira, 2019). A parceria dos pais em cuidar das crianças é fundamental, porém nem sempre tem a presença da figura paterna na família e, quando existe, a participação no PCF é muito baixa e com pouca adesão.

Somente dois homens foram identificados como cuidadores principais – em uma amostra de 74. Um pai entrevistado, no entanto, relatou que não costuma estar em casa no momento das visitas, mas que faz com frequência as atividades recomendadas pelo visitador junto da criança. Relatos nesse sentido também foram manifestados por algumas mães, que mencionaram que os companheiros aprenderam com o programa sobre a importância de exercer uma paternidade mais ativa. Contudo, grande parte das mulheres declararam ser as únicas responsáveis pelos filhos. Algumas mães procuram justificar a pouca participação dos homens, esperando menos envolvimento mesmo nos casos em que o pai da criança mora na mesma casa:

***“Ele não faz muito [as atividades], porque ele trabalha o dia todo e quando chega está cansado, às vezes vai dormir ou fica brincando com o meu filho menor”.***

Cuidadora, Governador Mangabeira.

### 5.1.1. Valorização do Brincar e da Leitura

O brincar representa uma atividade essencial na primeira infância por envolver tanto a mediação simbólica (componentes de significados e sentidos), quanto a mediação social (relações interpessoais), impactando nas diversas áreas do desenvolvimento infantil, a saber: motora ampla e fina, cognitiva, afetiva e social (Vygotsky, 1998). Brincar ativa também o desenvolvimento dos processos regulatórios emocionais e comportamentais, que levam ao estabelecimento da autorregulação no desenvolvimento da criança, que se estabelece em torno dos quatro anos de idade. (Linhares & Martins, 2015).

O incentivo do brincar é fortemente recomendado na metodologia CDC, assim como nas diretrizes do PCF. Embora seja uma atividade simples, se dedicar a momentos de brincar demanda tempo e disposição, de modo que nem sempre constitui um hábito na rotina das famílias. Em muitos casos é preciso aprender a brincar, e mais que isso, aprender a importância do brincar. Foi justamente esse, portanto, um dos aprendizados mencionados por alguns cuidadores durante as entrevistas:

***“Eu passei a ter mais participação com os meus filhos. [Durante a pandemia] Eles sempre mandam a brincadeira, eu faço aqui com os meninos e antes eu não tinha 'mais' participação com eles como eu tenho hoje. Antes eu não brincava tanto quanto eu brinco hoje.”***

Cuidadora, Maragogipe

Importante ressaltar que não houve manifestações por parte das cuidadoras de que esse aumento na participação pudessem ocorrer em decorrência do momento de isolamento social provocado pela pandemia da COVID-19, lembrando que muitas já não trabalhavam antes da pandemia. Relatos de cuidadoras deixaram claro que aprenderam com o PCF sobre a importância do brincar. Ao ser questionada se havia aprendido

alguma coisa nova com o programa, por exemplo, uma das cuidadoras respondeu:

***“Aprendi. Porque antes eu não ligava muito pra ensinar ela a pintar, essas coisas, sabe? E as meninas sempre trazem desenho, atividade.”***

Cuidadora, Governador Mangabeira

No que diz respeito aos recursos materiais utilizados durante as visitas, observou-se que as equipes utilizam materiais tais como espuma vinílica acetinada (E.V.A), recicláveis, tintas, materiais impressos, entre outros. Além disso, muitas atividades propostas envolvem também o uso de objetos disponíveis na casa das famílias, de modo a tornar as atividades acessíveis.

Em São Paulo, os supervisores e visitantes elaboraram um portfólio de atividades com indicações de brincadeiras e materiais a serem confeccionados pelos visitantes e usados durante as visitas, separados de acordo com o que é indicado para cada idade.

***“Temos aqui um portfólio de atividades. Usamos tampinhas de garrafa PET de plástico, lata de leite, essas coisas né, embalagem de leite, várias coisas que a gente pode usar. É até interessante assim que não é necessário que tenha... Tudo bem, são famílias pobres que não têm condições de comprar brinquedos caros e essas coisas, mas elas podem usar os recursos que elas tem em casa mesmo. Tomou um sorvete lá e sobrou o palitinho do sorvete, pode usar aquilo pra fazer várias coisas. Um rolo de papel higiênico que sobra... Várias coisas que você pode usar. E você vai dando dicas pra família. Várias coisas que ela tem dentro da casa mesmo e ela pode usar como recurso para produzir brinquedos.”***

Equipe do PCF, São Paulo.

Esse portfólio serve de base para as tarefas a serem aplicadas e parece ajudar bastante os visitantes pois poupa tempo de busca por atividades. Nos outros municípios, por outro lado, os visitantes contaram que estão sempre à procura de ideias para a elaboração dos brinquedos, e que fazem isso por conta própria em sites da internet.

Uma das atividades propostas e observada em mais de um município, por exemplo, foi o uso de escorredor de macarrão, onde a criança é incentivada a colocar fios de macarrão pelos buracos do objeto, com o intuito de trabalhar a coordenação motora da criança. Para estimular o desenvolvimento da fala, foi construído um microfone de papelão feito com rolo de papel alumínio. Brincadeiras de boliche com a utilização de garrafas PET reaproveitadas também são realizadas com frequência, promovendo a interação entre as crianças e as cuidadoras, que elogiaram esse tipo de atividade.

Se parte das atividades pode ser feita com objetos encontrados dentro de casa, tornando-as mais acessíveis, outras atividades envolvem o uso de papel, lápis de cor, palitos de sorvete, balões, massinha de modelar, por exemplo, que são levados pelos visitantes, como já mencionado anteriormente. Esse elemento de "novidade" atrai bastante a atenção das crianças e dos próprios cuidadores, que gostam bastante de utilizar esses materiais.

***“Tudo pra eles é novidade. Vem tudo organizado num saquinho, lápis, borracha... Então ajuda, né?”***

Cuidadora, Governador Mangabeira.

***“As da pintura [foram as atividades que mais gostei]. A gente pega papel, o pincel e a tinta guache. Foi que ele mais se divertiu e eu me diverti também.”***

Cuidadora, Maragogipe

No que tange à compreensão das atividades sugeridas pelos visitantes, os cuidadores não manifestaram dificuldades neste sentido durante as entrevistas.

***“Normalmente nunca tenho muita dúvida de fazer a atividade, porque as atividades são muito ‘fácil’, dá para as crianças fazer. Mas se caso acontecer alguma coisa a gente pergunta.”***

Cuidador(a), Maragogipe

Em vez de levar brinquedos fabricados, que tendem a engessar o pensamento e a experimentação, o Programa estimula diferentes possibilidades de brincar no processo de construção de brinquedos ou atividades de pintura. De acordo com Piaget (1975, 2014), o brincar interfere diretamente no processo de desenvolvimento cognitivo, na medida em que a criança pode avançar no brincar construtivo (ex: construir objetos), por meio de ações e repetições com objetos físicos e de exercício do raciocínio prático (em torno de dois anos). Nesse processo de construção, portanto, o visitador promove a criatividade tanto da criança quanto do cuidador.

***“Nunca levei nenhum brinquedo, sempre construí. A maioria deles sempre foi reciclado mesmo e com outros materiais aqui da Secretaria.”***

Visitador(a) Maragogipe

***“Um brinquedo pronto a gente não tem pra levar na casa da criança. Se tivesse seria bom, mas o programa visa também estimular que a mãe produza o brinquedo a partir do que ela tem em casa, né?”***

Visitadora, Governador Mangabeira



Leitura junto ao irmão. Foto: equipe do PCF do Município de Capitão Enéas (MG).

Como já mencionado, o Programa está focado em proporcionar esses momentos de brincadeiras entre cuidador e criança. Além disso, embora as entrevistas não tenham perguntado especificamente sobre possíveis sugestões do Programa relacionadas às atividades rotineiras de autocuidado, não houve, por outro lado, menções espontâneas sobre essas questões por parte dos visitantes tampouco dos cuidadores. Ou seja, os visitantes parecem não orientar os cuidadores sobre atividades ou sugestões que possam ser realizadas durante atividades de rotina, como banho, hora do almoço, hora de escovar os dentes etc.

Para além das brincadeiras, a atividade de leitura também foi indicada como um comportamento adquirido em algumas famílias a partir da participação no programa. A leitura infantil é extremamente relevante para o desenvolvimento infantil e apresenta forte associação com a aprendizagem e o desempenho escolar (Sargiani & Malu, 2018). Ler para crianças é um estímulo potente da linguagem receptiva, desenvolvendo padrões linguísticos que precedem a linguagem expressiva. Além disso, estimula o desenvolvimento da linguagem ex-

pressiva e a aquisição e o domínio do mundo dos significados, envolvendo tanto estímulos cognitivos quanto afetivos.

Alguns cuidadores mencionaram que têm o hábito de ler e contar histórias à noite para as crianças, na hora de dormir.

***"Ele gosta da 'Princesa e o Sapo', gosta de 'Rapunzel'. [...] Gosto de botar ele para dormir cantando e contando historinha. Uma coisa que eu não tive e eu quero fazer para ele."***

Cuidador(a), Maragogipe

***"À noite, eu sou evangélica, e à noite a gente lê a bíblia."***

Cuidador(a), Maragogipe

Outras cuidadoras, no entanto, acreditam ser muito cedo para começar a ler para a criança, que consideram ainda não ter idade para entender as histórias infantis. A leitura apareceu como uma prática que ocasionalmente ocorrem em famílias com mais de uma criança, algumas vezes sendo realizada pelos irmãos mais velhos:

***"Na maioria das vezes vai ser a minha filha mais velha [que lê]. Eu não tenho muito o hábito de ler não. Mas a minha mais velha ama ler."***

Cuidador(a), Capitão Enéas

Entre os cuidadores entrevistados, 93% afirmaram saber ler, de modo que a o analfabetismo não seria um impeditivo para realizar as práticas de leitura. Em alguns municípios os visitantes levavam livros infantis para usar durante a visita ou deixavam emprestados durante um período, o que era visto pelas cuidadoras como um grande facilitador das práticas de leitura, na medida em que comprar um livro nem sempre é acessível.

## 5.2. BENEFÍCIOS PERCEBIDOS

O apego é um vínculo afetivo entre pais (cuidadores principais) e bebês a partir do qual a “base segura” do desenvolvimento da criança se estabelece (Bowlby (1969, 1982). O período do desenvolvimento desta forte ligação afetiva se dá entre 7 meses a 2 anos de idade. Portanto, trata-se do alicerce do desenvolvimento, que se forma nos dois primeiros anos de idade, alicerçando a confiança no mundo a sua volta. As figuras de apego, representadas pelos cuidadores principais, devem promover o desenvolvimento do apego seguro nas crianças, em contraposição ao apego inseguro, ambivalente ou evitativo (Bowlby (1969, 1982). No apego, a criança conta com o referencial afetivo-social para o seu desenvolvimento, portanto a fala, expressão facial e gestos dos cuidadores são sinais relevantes. Paralelamente, por meio das relações com as figuras de apego, a criança passa a regular as emoções ao interagir e perceber as reações dos cuidadores (Grugnola, Lerardi, Albizzati, & Dowling, 2028; Linhares & Martins, 2015). Nas interações entre a criança e os seus cuidadores principais, além da estimulação da área afetiva-social do desenvolvimento infantil, ocorre também a estimulação dos processos de linguagem e atenção (Garstein, Crawford & Robertson, 2008). Portanto, a dinâmica transacional entre cuidadores e crianças consiste em um grande componente promotor do desenvolvimento humano (Sameroff & Fiese, 2000). Com relação aos benefícios percebidos, as entrevistas revelaram os seguintes achados, principalmente:

- Reconhecimento dos fortalecimentos de vínculos entre cuidadores e crianças;
- Objetivos do PCF foram ficando mais claros entre alguns cuidadores ao longo de sua participação no Programa.
- Cuidadores se referem a contribuições ao desenvolvimento das crianças por parte do Programa (ex. melhor coordenação motora, aumento da capacidade de comunicar);



- Alguns cuidadores externalizam aspirações para o futuro das crianças, associando ao tipo de atividades e aprendizagem que o PCF traz para a criança.

Nesse sentido, as entrevistas mostraram que em todos os municípios estudados o Programa era valorizado pelos cuidadores. Em alguns casos, os entrevistados relataram que, no início da participação, não tinham total clareza sobre os objetivos do programa, mas que após algumas visitas compreenderam que era um momento dedicado ao estímulo da criança. Algumas cuidadoras relataram que se permitiam deixar de lado as tarefas domésticas nos momentos das visitas para focar integralmente na criança, o que tinha como consequência uma relação mais profunda de apego com o filho:

***“Dona de casa é dona de casa, não se aquieta, aí pra mim ensinar eles seria mais difícil, agora eu tendo alguém pra me dizer o que fazer, aí seria mais fácil, entendeu?”***

Cuidador(a), Tocantinópolis

***“Estou achando que está sendo bom, que está me ajudando bastante. Tem coisa que antes eu não fazia questão e hoje eu faço. Eu não tinha aquela coisa de conversar com ela [a criança], de brincar com ela.”***

Cuidador(a), Capitão Enéas

***“Ela [a criança] aprendeu muito. A pintar, a conhecer as cores, fazer colagem. A gente aprende a se aproximar mais dos nossos filhos, a ter mais atenção. A gente aprende muito. É muito gostoso. A gente tem incentivo de ensinar alguma coisa aos nossos filhos, principalmente para que lá na frente eles possam ser uma pessoa melhor.”***

Cuidador(a), Maragogipe

A metodologia CDC define o visitador como um agente que ajuda os cuidadores, por meio da conversa e demonstração, a interagir com a criança de maneira cada vez mais eficaz (Manual de orientação às famílias). Para isso, o Guia para Visita Domiciliar indica exemplos de atividades que podem ser realizadas durante as visitas domiciliares de acordo com cada faixa etária, para que as atividades sugeridas ao longo do tempo acompanhem o desenvolvimento da criança (Guia para a visita domiciliar).

***“A gente mostra para a mãe demonstrar à criança e incentivar a criança a brincar. A gente vai mediando, mas tem que ter o papel da mãe como estimuladora da criança”***

Equipe PCF, Salinas

***“Elas vêm e conversam sobre como a gente tá lidando com a criança no dia a dia, sobre o desenvolvimento da criança. Se tá falando da forma correta, explicando as coisas direitinho. Aí ela começa a puxar assunto com a criança, a estimular a criança pensando no desenvolvimento”***

Outro familiar, Governador Mangabeira

O Programa funciona, portanto, de forma que o "brincar" seja instrumento de promoção do desenvolvimento da criança em todas as suas dimensões bem como de aprofundamento dos vínculos familiares, ficando o visitador em uma posição de mediador.

***“A gente tenta criar essa confiança da família, mas manter isso do vínculo da família com a criança. Sempre que faz uma brincadeira, não fazer diretamente, né? A gente faz sempre instruindo a mãe, conversando com ela”***

Visitador(a), Salinas

A promoção de brincadeiras é recomendada na CDC, que valoriza o brincar reforçando a importância de atividades que encorajam as crianças, mesmo aquelas muito pequenas, a reagir a sons, gestos, toques gentis e palavras. O Manual de orientação às famílias resume a CDC nas palavras-chave "estimular, estabelecer vínculo, comunicar e brincar", que pautam todo o desenho da metodologia.

***“É importante essa questão do brincar para desenvolver mais a questão do vínculo, que é uma coisa que as meninas batem muito na tecla: que o vínculo é construído com brincadeiras. Era uma coisa que já achava mas que elas fortalecem bastante, essa importância do brincar”.***

Cuidador(a), Salinas

De acordo com Piaget (1975, 2002, 2014), as crianças na idade de dois para três anos encontram-se em uma fase do desenvolvimento cognitivo na qual ocorre a transição do jogo do exercício nas brincadeiras (ex: jogos de empilhar e encaixar) para uma fase de maior simbolismo (jogos de linguagem, faz de contas e exploração de brinquedos com atribuição de diferentes funções e significados). Paralelamente, segundo Vygotsky (1998; Vygotsky, Luria & Leontiev, 1988), a criança ao brincar atua em sua zona de desenvolvimento proximal, que representa ir além do seu desempenho real e promover o seu desenvolvimento potencial. Ao desempenhar papéis e experimentar desafios por meio das brincadeiras, a criança funciona em um nível acima do seu repertório do estágio atual, que consiste em grande estímulo ao desenvolvimento infantil. O brincar cria uma zona de desenvolvimento proximal na criança, permitindo o amadurecimento de funções, o surgimento de comportamentos e o estabelecimento de novas aprendizagens, que vão além dos comportamentos e aprendizagens previamente conquistados e consolidados.

De fato, existe por parte dos cuidadores e visitantes a percepção de que o Programa contribui para o desenvolvimento das crianças por meio das atividades e brincadeiras sugeridos durante as visitas. Alguns entrevistados mencionaram especificamente o desenvolvimento de determinadas habilidades, como melhora na coordenação motora ou aumento da capacidade de se comunicar, mas de modo geral o que se tem é uma ideia abrangente de que as visitas contribuem para o desenvolvimento da criança:

***“Eles vão estimulando, aprendendo, conhecendo as coisas. Aí quando for maiorzinho e chegar na escola já sabem o que é certo e errado, o que não pode colocar na boca. Acho importante isso.”***

Cuidador(a), Governador Mangabeira

***“O Programa veio para ajudar as crianças. Porque tem muitas crianças que não tem coordenação motora e meu filho, graças a deus está tendo coordenação motora através desse projeto. Ele agora sabe segurar em lápis para poder pintar, graças às ‘professoras’ que ensinou a ele. Por que a gente não tem tempo para poder ensinar aos nossos filhos.***

Cuidador(a), Maragogipe

Visitadores acreditam também que a participação no Programa resulta em uma melhora na interação entre cuidador-criança além de colaborar com o desenvolvimento delas.

***“Algumas famílias fazem aquilo de criar o filho... Só chegar, dar comida, dar o banho, fazer os cuidados necessários. Mas não parar para brincar com a criança. Depois do programa muitas famílias comentaram “olha, melhorou, estou conversando mais, a criança está desenvolvendo mais...”***

Visitadora, Salinas

***“Melhora sim. Eu até percebi que têm muitas cuidadoras que no início não davam tanta importância ao programa e que depois você vê que a interação com a criança é bem diferente”***

Visitadora, Salinas

Na atividade lúdica a promoção do desenvolvimento pode ser percebida quando a criança transcende do campo perceptivo para o campo da representação e dos significados (Piaget, 1975, 2002, 2014; Vygotsky, 1988). Os companheiros mais capazes e competentes, sejam os adultos ou outras crianças, impulsionam o desenvolvimento real para o potencial, favorecendo os avanços para etapas subsequentes do desenvolvimento (Vygotsky, 1988). A criança exercita nas brincadeiras a antecipação de funções e papéis futuros relevantes para promover seu desenvolvimento.

Sendo voltado para crianças de zero a três anos, o Programa abrange crianças em idade pré-escolar. As visitas são percebidas por alguns cuidadores como momentos importantes para preparar as crianças para o futuro, inclusive os anos escolares:

***“Pra mim é evolução. Porque assim, ele completou três anos, ele já tem idade de estudar. Mas quando elas começaram ele não tinha idade de estudar. [...] Meu filho vai poder chegar no colégio e ele já pinta alguma coisa. A professora vai mandar ele pintar e ele vai saber pintar”***

Cuidador(a), Governador Mangabeira

***“Até com essa brincadeira de esconde-esconde, que a gente conta até 10. A menor, que tem um ano e 7 meses, já aprendeu a contar de 1 a 10. Isso com certeza é resultado do Programa, essa questão da brincadeira. A gente brinca muito.”***

Cuidador(a), Maragogipe

A pesquisa também buscou identificar as aspirações dos cuidadores para o futuro das crianças. Imaginar o futuro e externalizar essas aspirações não é tarefa fácil, o que ficou claro com os longos segundos de silêncio após a pergunta ser realizada durante algumas entrevistas. Alguns foram reticentes, apresentando uma compreensão abstrata de que o Programa pode ajudar as crianças no longo prazo. Outros cuidadores, entretanto, manifestaram boas perspectivas para o futuro das crianças, contudo, seus depoimentos não permitem afirmar com precisão se os avanços que observam nas crianças irão repercutir no seu comportamento quando adultos, isto é, se as mães/cuidadoras entendem o propósito do Programa em proporcionar conhecimentos e habilidades que irão repercutir no futuro das crianças.

***“Espero estejam desenvolvidas, estudar. Ser alguém na vida, que eu não fui. Eu sou marisqueira. Ter a oportunidade que eu nunca tive.”***

Cuidador(a), Maragogipe

***“Uma filha diz que vai ser professora. A outra diz que quer ser médica. Eu espero que Deus prepare um futuro muito bom para elas.”***

Cuidador(a), Capitão Enéas

A percepção dos benefícios proporcionados é prejudicada, em alguns casos, pelo pouco entendimento sobre os objetivos do PCF. Durante o trabalho de campo foi possível perceber que algumas cuidadoras demonstraram certa dificuldade de compreensão sobre os objetivos das visitas.

***“Eu não sabia que eu ia ficar sendo sempre assistida, sabe? Elas vieram aqui fazer uma visita pra mim, aí disseram que iriam voltar pra fazer um joguinho com ele. E aí ficaram vindo. Depois que eu fui saber que G. estava sendo assistido pelo Programa Criança Feliz”***

Cuidadora, Governador Mangabeira

Essa questão envolvendo o entendimento dos objetivos do PCF remete à questão da comunicação visitador-cuidador. Essa questão, no entanto, não pode ser investigada em profundidade por conta da impossibilidade de realizar observações das visitas por parte da equipe de pesquisa.

Uma particularidade identificada durante o estudo foi que em Tocantinópolis existem muitas famílias indígenas Apinajés atendidas pelo PCF. Embora não tenha sido possível entrevistar nenhuma dessas famílias devido às dificuldades de contato com as aldeias, a equipe do Programa relatou que, diferente das demais famílias atendidas, nessas aldeias, quem acompanha as visitas são geralmente os pais/cuidadores homens, uma vez que as mães não se sentem confortáveis para interagir com as visitadoras e muitas não falam português.

Em termos de receptividade, de acordo com os relatos da supervisora e das visitadoras do município de Tocantinópolis, as famílias indígenas Apinajés valorizavam o Programa pois, por morarem em regiões remotas, o acesso a serviços públicos é bastante comprometido. Para além disso, não foi possível fazer aferir sobre a contribuição do PCF com relação ao desenvolvimento das crianças Apinajés uma vez que a equipe de pesquisa não conseguiu entrevistar pessoas desse grupo.

***“No nosso município, as famílias que mais valorizam e seguem à risca todas as orientações e atividades do Programa, são as famílias indígenas. [...] Eu acho assim, os filhos deles já não têm acesso à creche, e quando vai um visitador lá, que explica todo o benefício que o Programa vai trazer né, a questão do desenvolvimento integral da criança, o fortalecimento de vínculos e a facilidade do acesso aos serviços públicos, eles ficam mais envolvidos.”***

Equipe do PCF, Tocantinópolis

### 5.3. BARREIRAS E DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS CUIDADORES

Se de um lado, foi perceptível que por meio do PCF os cuidadores adquiriram novas habilidades e práticas de cuidado com a criança, por outro lado, o exercício da parentalidade impõe muitos desafios para as famílias. Neste sentido, a presente pesquisa procurou explorar o interesse e a receptividade das famílias e a adesão delas ao Programa.

Os principais barreiras e desafios citados são:

- Indisponibilidade de tempo dos cuidadores, em especial ligado a uma sobrecarga materna;
- Famílias convivendo com pouco espaço físico;
- Frequência das visitas pode não se adaptar às rotinas de algumas famílias.

A literatura mostra que um exercício adequado da parentalidade exige um conjunto de atividades para garantir que as crianças sejam cuidadas fisicamente (por exemplo, fornecendo alimentos nutritivos, cuidados de saúde, rotina e sono adequado), cognitivamente (oferecendo oportunidades de aprender e usar a linguagem), socialmente (respondendo à criança com cuidado consistente e amoroso) e emocionalmente (apoiando o senso de autoestima da criança) (Al- Hassan & Lansford, 2011).

Nesse sentido, a situação de vulnerabilidade social em que se encontra grande parte das famílias beneficiadas pelo PCF se apresenta como uma importante barreira para a adesão de práticas de cuidado mais responsivas. Há, entre muitas famílias atendidas, falta de acesso a itens básicos, como alimentos, itens de higiene, além de espaços domésticos reduzidos, longas jornadas de trabalho e muitas vezes o baixo nível de escolaridade dos cuidadores.

A indisponibilidade de tempo dos cuidadores foi uma das dificuldades que mais se sobressaiu durante as entrevistas. Embora, em alguma medida, todos tenham relatado dedicar tempo à criança, muitos trabalham, tem os afazeres domésticos

e outras crianças para cuidar, o que resulta em um menor tempo disponível ou pouca disposição para brincar.

***"A questão mais percebida por nós visitantes, é uma questão social. As pessoas quase não têm tempo, os cuidadores, para parar aquele tempo, para poder fazer uma atividade, para tentar estimular os filhos para poder desenvolver."***

Equipe do PCF, Maragogipe

As limitações de tempo, por sua vez, podem reduzir a disponibilidade que os pais têm para se dedicar a atividades de brincar ou ter mais paciência ao executar tarefas rotineiras com as crianças.

***"O que pega mais é falta de tempo, porque a gente aqui em casa mesmo é muita coisa assim pra gente fazer, sabe? Eu ajudo muito a minha esposa também a fazer as coisas em casa. Então é muita coisa. Eu ajudo a fazer as coisas em casa e na casa da minha mãe também né, porque a minha mãe mora aqui, eu moro do lado dela né, aí já são de idade e eu tenho que ajudar eles também, aí eu faço as coisas. Ai assim quando sobra tempo só que eu vou fazer atividade com ela, aí eu faço"***

Cuidador(a), Tocantinópolis

Como já mencionado, as mulheres são a vasta maioria exercendo a função de cuidadora principal em todos os municípios estudados. Além de serem responsáveis pelos cuidados das crianças, são também responsáveis pelas atividades domésticas e, algumas vezes, por trabalho fora de casa. A sobrecarga materna, portanto, foi identificada como uma dificuldade no exercício da parentalidade, e em alguns casos como uma barreira para realização das atividades recomendadas pelo programa.

Longe de ser uma exceção, situações como essas são comuns no Brasil, onde o trabalho doméstico e de cuidados com crianças seguem sendo atribuições femininas. Em 2019 a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) investigou o tema "Outras formas de trabalho". De acordo com a pesquisa, enquanto 36,8% das mulheres afirmaram realizar atividades de cuidado com outras pessoas, entre os homens essa taxa era de 25,9%. Naquele ano, foi identificado que as atividades de cuidado eram realizadas, sobretudo, para crianças e adolescentes: cerca de metade dos adultos que informaram cuidar de alguém, cuidavam de crianças e de adolescentes (IBGE, 2019).

A falta de espaço em casa também aparece como uma dificuldade para realizar as atividades sugeridas pelos visitantes:

***"Eu acho que é mais a falta de espaço mesmo, porque a minha casa ela é um cômodo só. Tem vezes que eu arrumo a casa todinha e logo depois tenho que estar deixando ela brincar, bagunçar um pouco as coisas, pra depois arrumar tudo de novo..."***

Cuidador(a), São Paulo

Houve o relato de uma cuidadora de Tocantinópolis que mora em uma kitnet pequena com os quatro filhos (12, 8, 2 e 1 ano de idade), o que torna a dinâmica doméstica difícil. Em casos como esse, aderir a novas práticas nem sempre é possível, já que demandaria uma mudança na rotina e no comportamento. Nessas situações o trabalho do visitante é ainda mais importante, pois envolve sensibilidade e a elaboração de estratégias para lidar com as especificidades da família. A mesma cuidadora relatou que a visitadora ensinou uma maneira de entreter as crianças, fazendo as atividades com todos ao mesmo tempo: enquanto os maiores fazem as tarefas da escola, ela aponta para os menores os desenhos nos livros. Dessa forma, os filhos menores vão aprendendo os nomes das coisas enquanto que os maiores fazem a tarefa de casa e treinam a leitura.

Embora o momento da visita seja em grande parte dos casos apreciado pelos cuidadores, foi relatado por visitantes a percepção de que o compromisso das visitas pode ser um motivo de estresse pelo fato de interromper a dinâmica doméstica, principalmente quando as visitadoras chegam de surpresa, em horários não agendados previamente, fato que não é comum no trabalho dos visitantes, no entanto. Noites de sono mal dormidas, cansaço e indisposição para receber uma pessoa em casa são algumas das razões de resistência às visitas. Por conta disso, a equipe de atendimento sugeriu ser necessário balancear a quantidade de visitas com horários pré-agendados ao longo do mês.

***“Assim, o Programa é bom, mas ter que receber gente dentro de casa... Não é todo dia que a gente tá bem pra receber gente na casa da gente, né? E como é toda semana tem hora que aperta um tiquinho. Aí eu já pensei em desistir, não desisti porque a menina [visitadora] é muito boazinha.”***

Cuidadora, Salinas

***“Chega uma hora que acaba ficando um pouco cansativo pras famílias, entendeu? Às vezes a gente não dá tempo nem delas respirarem, assim. Então essa é uma coisa que elas trazem muito, às vezes quando chega na quarta visita do mês [...] tinha muitas famílias que falavam assim ‘ué, mas de novo? tipo assim, de novo aqui, você tava aqui na semana passada! Então assim, eles reclamam um pouco dessa questão, da periodicidade, sabe? [...] Talvez dando um espaço maior seria positivo até a questão de aderir, entendeu?”***

Equipe PCF, Salinas

#### 5.4. RELAÇÕES ENTRE EQUIPE E FAMÍLIAS

Por estar baseado em visitas domiciliares, é primordial que exista uma boa relação entre o visitador e as famílias que os recebem. Essas relações permitem a “entrada” do Programa nos domicílios e influenciam diretamente a aderência dos cuidadores às recomendações sugeridas pelo PCF. Por conta disso, o estudo procurou explorar a qualidade dessas relações, além de aspectos que podem favorecê-las.

##### 5.4.1. Relação/comunicação visitador-cuidador

Na relação entre visitantes e cuidadores, os pontos que mais se destacaram durante as entrevistas foram:

- Cuidadores relatam gostar dos visitantes e das demonstrações que eles fazem para se relacionar melhor com as crianças e aprender mais.
- A boa relação entre visitador e criança são valorizadas pelos cuidadores;
- Cuidadoras valorizam e se identificam com visitadoras que são também mães;
- Cuidadores confiam no visitador e acreditam que esses possuem bons conhecimentos técnicos sobre cuidados com as crianças;

A maioria dos visitantes destacou a importância da utilização de uma linguagem clara e de fácil entendimento durante a comunicação com as cuidadoras. Também comentaram que o diálogo, e principalmente o exercício da escuta, servem de estratégia para o estabelecimento de uma relação de confiança com as mesmas. Conforme o Guia para a Visita Domiciliar instrui, é no momento de acolhida das famílias que os objetivos, os benefícios e o modo de funcionamento do Programa devem ser apresentados. Nesse sentido, é tão imprescindível que essa primeira conversa seja clara e acolhedora, para que as cuidadoras compreendam o caráter não fiscalizatório e não invasivo do Programa.

Os relatos dos cuidadores mostram que esses gostam dos visitantes. No dia a dia, a comunicação visitador-cuidador, de modo geral, se restringe a falar sobre a própria criança, como foram as atividades da semana anterior e sobre o dia a dia com elas. Na maioria das vezes, as conversas entre eles não parecem se aprofundar em dúvidas sobre cuidados nem em temas relacionados ao desenvolvimento infantil.

Notou-se, por outro lado, que o diálogo constante entre visitantes e cuidadoras no momento das visitas resulta, em algumas ocasiões, numa relação de amizade entre as partes, conforme descrito por esta visitadora de São Paulo:

***“Muitas famílias tem a gente até como amigo. Não enxerga a gente como um profissional que tá indo lá, é mais como um amigo que tá chegando na casa. Já tem isso. Tem famílias que falam pra mim assim: ‘pô, você aqui não é um profissional que tá vindo aqui, você é um amigo da gente’. Já tem essa facilidade de abertura né. Às vezes você tem mais facilidade em acessar as famílias até por essa questão mesmo.”***

Equipe do PCF, São Paulo

No caso dos municípios de menor porte é mais comum que cuidadoras e visitantes já se conheçam de outros contextos, o que parece facilitar na interação durante as visitas.

***“Aqui em Capitão Enéas, todo mundo conhece todo mundo. É cidade pequena e de certo modo a gente já vai na família que a gente mesmo conhece. Quando chegamos, eles já conhecem: ‘A tia chegou!’ ”***

Equipe do PCF, Capitão Enéas

***“[Confio] Cem por cento, com certeza. Porque aqui a gente mora em interior, a gente conhece todo mundo, quem é bom, quem é ruim. O Projeto só tem pessoas maravilhosas, mães de família. Como a gente conhece todo mundo, a gente sabe, a gente confia.”***

Cuidador(a), Maragogipe

Entre as habilidades do visitador consideradas importantes pelos cuidadores, as que estão relacionadas à boa comunicação, seja com as crianças ou seja com os cuidadores, foram frequentemente mencionadas.

***“Ela é comunicativa, sabe lidar com a criança. A pessoa que está trabalhando com a criança tem que gostar, tem que saber lidar com a criança.”***

Cuidadora, Governador Mangabeira

Foi possível notar também, através dos relatos, que há uma certa atribuição de valor às visitadoras que também são mães, por conta do conhecimento prévio e da experiência prática dela, havendo uma identificação maior.

***“As meninas que já vieram me acompanhar são mães, e caso eu tenha alguma dúvida elas podem me explicar. Podem tirar as minhas dúvidas por causa de serem mães né”.***

Cuidadora, Tocantinópolis

Algumas cuidadoras entrevistadas relataram que de fato se sentem confortáveis para confidenciar suas necessidades e esclarecer dúvidas com as visitadoras. Esta relação de confiança é percebida pelos cuidadores como um benefício trazido pelo Programa, que disponibiliza um profissional com conhecimento técnico na área da primeira infância para quem podem expor suas dificuldades. Dentre os assuntos abordados durante a visita, questões

sobre saúde, nutrição e práticas parecem prevalecer:

***“Ela pergunta se as vacinas estão em dia, se teve algum problema de saúde, se ela está se alimentando direito, se eu estou amamentando. Eu conto tudo a ela, o que acontece eu falo”***

Cuidadora, Governador Mangabeira

***“A gente conversa tudo. Tudo que ela pergunta eu falo. A gente conversa sobre saúde, sobre a pandemia, sobre as crianças, o que fazer para animar as crianças [...]. Ela me orienta bastante”***

Cuidadora, Governador Mangabeira

***“Eu não trocaria ele [visitador] não. A gente já pegou confiança nele. As meninas também. Ele já demonstrou carinho, dedicação com as crianças. As crianças gostam dele”***

Cuidador(a), Maragogipe

Uma das lideranças locais do município de Governador Mangabeira relatou, que após o início da pandemia, algumas famílias procuraram a equipe do PCF para perguntar sobre a continuidade das visitas e para relatar alguma dificuldade, como na compra de alimentos, por exemplo. A entrevistada atribuiu o fato das famílias recorrerem às visitadoras nessa situação como um indício de que, por meio das visitas, foi estabelecido um bom vínculo entre visitador e cuidador.

#### 5.4.2. Relações visitador-crianças beneficiadas

Olhando para as relações estabelecidas entre os visitadores e crianças participantes do Programa, o ponto que mais se destacou foi:

- A boa relação do visitador com todas as crianças parece colaborar com a “entrada” do PCF nas famílias, criando uma relação de confiança;
- A boa relação entre visitador e crianças parecem colaborar também com a realização das próprias atividades.

Apesar de o Manual de Orientação às Famílias indicar que, durante a orientação, o visitador não deve realizar as atividades diretamente com as crianças (p. 44), argumentando que um dos objetivos do programa é o fortalecimento de vínculos entre criança e cuidador, os relatos mostraram que a interação visitador-criança pode ser bastante positiva, servindo de ponte para o estabelecimento de uma relação de confiança entre visitadoras e cuidadoras e para a própria realização das atividades.

De modo geral as cuidadoras disseram gostar quando os visitadores interagem com as crianças da casa, e aparentam ser mais receptivas quando essa interação é positiva:

***“Ela [criança] gostava muito. Quando ela [visitadora] chegava já corria para o colo dela.”***

Cuidador(a), Capitão Enéas

***“Eu gosto do jeito que ela conversa com G. Ela não para nem para me escutar mas com ela [visitadora], G. pára, G. escuta”***

Cuidador(a), Capitão Enéas

***“Ela [a visitadora] conversa com ele, principalmente com o de dez anos né? Conversa, faz pergunta, ele responde...Brincam também.”***

Cuidadora, Salinas



A maioria dos visitantes parece ter uma forte interação com as crianças durante as visitas. A intensidade dessa interação com as crianças, no entanto, parece mudar de visitador para visitador. Algumas visitadoras relataram que preferem não interagir diretamente com a criança, para não correr o risco de prejudicar o vínculo da criança com a mãe:

**“Nunca temos contato diretamente com a criança, porque como o foco é fortalecimento de vínculos entre o cuidador e a criança. Se a gente começar a interferir, aí eles começam a pegar vínculo com a gente, né? E aí às vezes acaba atrapalhando [o vínculo] do cuidador com a criança”**

Equipe do PCF, Salinas

**“Elas [as supervisoras] sempre falam dessa questão de a gente prezar pela interação da família com a criança, e não diretamente com a criança. Porque às vezes a gente já chega, quer fazer a brincadeira... Então elas sempre pedem isso”**

Equipe do PCF, Salinas

As crianças parecem se sentir mais à vontade para realizar as atividades quando já estão acostumadas com o visitador, e isso ocorre mais facilmente através da realização de brincadeiras e da interação direta, a partir do momento em que a criança começa a se sentir confortável na presença do visitador. Também houve relatos, em mais de um município, de visitantes que se aproximaram tanto das crianças e das cuidadoras, que já são considerados “como parte da família”:

**“Ela brincava com ele, ela tentava tirar a timidez dele interagindo com ele como se ela fosse alguém conhecida mesmo, alguém da família, até pra ele não ficar tímido, pra ele não zangar, sempre brincando e tentando interagir com ele”**

Cuidador(a), Tocantinópolis

#### 5.4.3. Relações visitador e outros familiares

Os principais pontos levantados com relação à interação estabelecida entre visitador e outros familiares foram os seguintes:

- O envolvimento de outros membros da família, como avós, tios etc. parece ser circunstancial, ocorrendo quando esses estão em casa durante as visitas;
- Os pais/homens não costumam ser envolvidos nas atividades sugeridas pelo Programa;
- A boa relação com as outras crianças residentes no mesmo domicílio – e não somente com as crianças beneficiadas – colabora com a “entrada” do Programa.
- O envolvimento e interação com os irmãos, entretanto, parece variar, ficando a critério de cada visitador.

A relação entre visitador e outros familiares que não os cuidadores pareceu ter caráter mais circunstancial, ou seja, não parece haver um planejamento de envolvimento de outros familiares nas atividades. Nesse sentido, outros familiares tendem a participar se estão também em casa no momento da visita ou se costumam também cuidar da criança com frequência.

Importante destacar também que, a grande maioria dos pais/homens estão no trabalho durante as visitas e raramente acompanham as atividades do PCF. Ficou igualmente evidente, a partir dos relatos, que os pais/homens costumam ser pouco envolvidos nas atividades de leitura e nas brincadeiras em casa.

Por outro lado, vale ressaltar a questão dos irmãos das crianças contempladas pelo Programa que, não se enquadram como beneficiários diretos pela questão da idade mas que, além do cuidador, estão geralmente presentes a todo tempo com a criança. Por causa disso, alguns visitantes declararam tomar a iniciativa de levar atividades (de desenho, por exemplo) ou envolver o irmão durante as visitas.

***"A gente chega na casa através da criança que tá dentro do programa. Mas a gente não pode ignorar que existe outra criança ali"***

Equipe do PCF, Governador Mangabeira

***"Ficam todos olhando. Alguns até choram querendo entrar no meio. Porque às vezes você tá fazendo a visita pra uma criança de dois anos que tem um irmãozinho de quatro. [...] A gente pede pra mãe [envolver a outra criança nas atividades] e ela fica falando 'agora é ele, agora é a sua vez'"***

Equipe do PCF, Salinas

Outros visitantes, por outro lado, declararam não incluir o(s) irmão(s), trabalhando apenas com a criança beneficiada e o cuidador, parecendo, então, não haver um padrão de envolvimento das crianças.

***"Quando é criança maior eles não se interessam muito, nem ficam perto"***

Equipe do PCF, Salinas

***"Eu, particularmente, peço para deixar só o cuidador e a criança."***

Equipe do PCF, Capitão Enéas

Contudo, a declaração de pais de mais de uma criança sugerem que a boa relação, não somente entre o visitante e o cuidador, mas também entre o visitante e o irmão, parece colaborar com a "entrada" do programa no domicílio da família, e conquista a empatia dos cuidadores principais e das próprias crianças beneficiadas.

***"Quando esse projeto chegou aqui, a 'professora' ensinava o pequenininho e ele [o irmão mais velho] olhava e aprendia. [...] O menor só ia quando o maior ia também."***

Cuidador(a), Maragogipe

***"As atividades, os desenhos, os livrinhos. Eles [os irmãos] amavam os livros. O [irmão] maior lia para o pequenininho."***

Cuidador(a), São Paulo

***"Ele [criança do PCF] fica mais amigo do irmãozinho dele. Ele vai ver, se não envolver, ele vai ver o irmão dele brincando lá só e é bem capaz dele não ter vontade de brincar. Essa [atividade] de tinta, eles dois brincaram juntos."***

Cuidador(a), Maragogipe

#### 5.4.4. Implicações do Gênero na Interlocação com a Família

Ao tratar do gênero dos visitantes, ficou bastante evidente o seguinte ponto:

- Visitadoras do gênero feminino são a vasta preferência dos cuidadores, seja por maior identificação das mães com elas, por haver maior sentimento de segurança em receber um visitante em casa ou até mesmo para evitar conflitos com o marido;
- Visitadores homens enfrentam mais resistência para ganhar a confiança e estabelecer vínculos com as famílias;
- A experiência com a maternidade das visitadoras que são também mães são valorizadas pelos cuidadores.

Apesar de alguns cuidadores terem declarado ser indiferentes em relação ao gênero do visitante, a grande maioria enfatizou a preferência por visitadoras mulheres. Parte das justificativas giram em torno de uma maior identificação com mulheres, já que a vasta maioria dos cuidadores são também mulheres. Além disso, essa identificação se aprofunda ainda mais quando a visitante também é mãe, passando mais segurança às cuidadoras em relação a temas relacionados a cui-

dados com crianças, conforme os relatos dessas cuidadoras de Governador Mangabeira:

***“Com mulher a gente se identifica melhor. Eu sou uma pessoa muito tímida e com um visitador homem ficaria meio sem jeito. Não tenho nenhum preconceito, mas eu prefiro mulher.”***

Cuidador(a), Governador Mangabeira

***“Mulher. Porque a mulher conversa mais, se identifica mais, se tiver algum problema eu posso me abrir, conversar, receber conselho.”***

Cuidador(a) Governador Mangabeira

Foi possível identificar também um receio em permitir a entrada em casa de um visitador homem, seja por medo de violência ou por trazer problemas com o marido. Por isso, os visitadores homens declararam apresentar mais dificuldade e resistência para trabalhar com as famílias, relatando que é necessário um maior esforço por parte deles para ganhar a confiança e estabelecer um vínculo com os cuidadores:

***“No começo, como eu sou homem, eu encontrei uma dificuldade, uma resistência em algumas as famílias, onde a maioria das pessoas que fica com as crianças são as mães, e muitas vezes tinha situações de quando os maridos chegavam. [...] Mas com o decorrer do tempo, graças a Deus, a gente conseguiu construir um vínculo de amizade.”***

Equipe do PCF, Maragogipe

Além disso, os próprios visitadores, por não terem filhos e/ou não possuírem experiência prévia com crianças, parecem também não possuir muita segurança nas próprias habilidades na hora de instruir as mães. Esse aspecto pode estar associado não apenas à falta de capacitação e caráter profissional da

abordagem dos visitadores, mas também à essa insegurança proveniente da própria falta de experiência, uma vez que esta não apareceu da mesma forma no caso de visitadoras mulheres que têm a experiência prévia da maternidade:

***“Eu acho mais vantajoso de mulher pra mulher. Porque assim, eu tiro por mim, eu moro junto há 7 anos, eu não tenho filho, a minha companheira também não tem filho, aí eu vou visitar uma mãe que ela tem 5 filhos e ela tá com o sexto filho. Aí ela criou 5 filhos e vem um rapaz de 30 anos, que não tem filhos, que passou por uma capacitação de uma semana, pra ensinar como é que ela deve criar o filho dela, como ela deve ensinar o filho dela. Sei lá, eu acho estranho.”***

Equipe do PCF, São Paulo

### 5.5. ROTINA DO TRABALHO REALIZADO PELAS EQUIPES DO PCF

As visitas domiciliares, além de exigirem um preparo técnico dos visitantes, exige também a realização de planejamentos de equipe bem como recursos para facilitar a logística dos colaboradores. Para melhor compreender o PCF, é necessário entender também como as equipes se organizam em cada município além de pontuar barreiras que podem estar dificultando seu trabalho.

Os principais pontos levantados relacionados à rotina de trabalho são:

- Tempo de cada visita varia entre 20 a 60 minutos mais ou menos, podendo comprometer a qualidade da interação estabelecida com as cuidadoras;
- Falta de apoio de transporte restringe as áreas atendidas pelo PCF;
- Visitas algumas vezes são realizadas por mais de um visitador devido a dificuldades com transporte;
- Por atender outros serviços de assistência social além do PCF, equipe de São Paulo apontou para sobrecarga de trabalho.

Apesar da recomendação do Guia para a Visita Domiciliar indicar que o tempo de duração das visitas seja de aproximadamente 45 minutos, foi possível observar que este tende a variar entre um município e outro, e que também se altera de acordo com a localização das residências atendidas pelo PCF nessas cidades. Sendo assim, de modo geral, as visitas podem durar entre 20 e 60 minutos. Cabe ressaltar que esta pesquisa não explorou as relações entre a variável do tempo de visita e a assistência prestada a cada família, podendo ser este um tema investigado em futuros estudos.

Em relação à frequência das visitas domiciliares, por sua vez, constatou-se que ocorrem geralmente uma vez por semana, sendo planejadas sempre na semana anterior. Este planejamento é feito normalmente durante encontros em grupo, em



Reunião de planejamento da equipe do PCF de Maragogipe (BA).

que visitantes e supervisores se reúnem para conversar sobre as famílias, o desenvolvimento das crianças e compartilham ideias e sugestões para as atividades<sup>1</sup>.

As reuniões de planejamento são realizadas sempre na semana anterior, normalmente nas sextas-feiras, quando os visitantes se reúnem junto com o supervisor para conversar sobre as visitas que aconteceram durante a semana, discutir as principais demandas que apareceram, fazer os encaminhamentos necessários e planejar as atividades da semana seguinte. É também durante essas reuniões que os visitantes adaptam o Plano de Visita de acordo com as necessidades de cada família, sempre com o acompanhamento do supervisor.

<sup>1</sup> Sobre o planejamento das visitas, ver seção 4.6.2.

Esse Plano de Visitas é feito com base no modelo que consta no “Guia para a Visita Domiciliar” (anexo VI do Guia) mas sofre pequenas alterações de acordo com as práticas de cada município, e é uma das ferramentas mais importantes para o trabalho dos visitantes, pois auxilia não apenas no planejamento das visitas, mas também facilita o registro e o acompanhamento do desenvolvimento de cada criança beneficiada, conforme dito por um integrante da Equipe do PCF em Tocantinópolis:

**“O Plano de Visita é que vai contribuir para o desenvolvimento da criança. Se tu leva um Plano de Visita sem ser feito conforme a estrutura dele, o visitador não vai conseguir fazer uma atividade que realmente tenha um objetivo, que realmente tenha uma avaliação.”**

Equipe do PCF, Tocantinópolis

Ao chegar no local das visitas, a primeira coisa que o visitador deve fazer, segundo consta no Guia, é observar a situação em que a família se encontra e identificar possíveis demandas. Para isso, são instruídos a conversar com as cuidadoras sobre os acontecimentos da semana. Nesse momento, perguntam se elas estão precisando de alguma coisa, se tiveram alguma dificuldade na realização das atividades realizadas ao longo da semana, se gostariam de conversar sobre algum assunto específico, etc., e em seguida, colocam em prática o Plano de Visita elaborado previamente. Este, costuma ser dividido em três momentos, a saber: 1) Objetivo e explicação das atividades: quando são passadas a descrição das atividades a serem desenvolvidas, as instruções de como realizá-las e o objetivos a serem atingidos com cada uma delas; nesse aspecto, é importante ressaltar que as atividades aplicadas são elaboradas sempre com base na idade da criança beneficiada; 2) Desenvolvimento: nesse segundo momento, os visitantes pedem para a cuidadora colocar em prática a atividade com base nas instruções que foram dadas; 3) Momento final: quando os

visitadores fazem uma avaliação de como foi o desenvolvimento da atividade e dão possíveis sugestões à respeito da execução delas. Após esse momento final, também são feitas anotações sobre percepções que os visitantes tiveram sobre a realização dessas atividades. Nota-se que, como os horários das visitas são agendados, os visitantes procuram se adequar à rotina dos cuidadores, incluindo trabalho fora de casa.

O registro das visitas é feito sempre pelos próprios visitantes, numa espécie de relatório que é preenchido junto ao Plano, durante ou após a realização das atividades. Em Tocantinópolis, ele é feito em um prontuário eletrônico, através de um sistema online. A elaboração e a aplicação do Plano de Visitas, junto com as reuniões semanais de planejamento, evidenciam a importância desse preparo prévio, assim como o caráter metodológico das visitas domiciliares.

Em contraposição a acompanhamentos realizados em locais de convivência, as visitas domiciliares proporcionam uma atenção individualizada para cada família, permitindo um trabalho mais atento por parte da equipe do PCF:

**“Antes do Criança Feliz, a gente tinha a sede que recebia as crianças só uma vez na semana. Hoje a gente acompanha, tem 40 minutos para conversar, para ficar com um só, para brincar com um só”**

Equipe PCF, Capitão Enéas

Desse modo, o visitador se encontra mais próximo da realidade de cada família, podendo identificar a melhor forma de trabalhar e aplicar as atividades de acordo com as diferentes necessidades e demandas de cada uma. Esse contato também permite que o visitador apresente atividades mais apropriadas, que condizem com o desenvolvimento esperado de acordo com a faixa etária de cada criança:

**“Porque é assim: elas trazem atividades, dizem o que a gente tem que fazer, a gente tem que**

***falar isso, tem que ler isso... Aí a gente por si só, a gente fica meio perdida, confusa. Aí elas não, elas já trazem a coisa certinha e adequada pra idade deles”.***

(Cuidador(a), Tocantinópolis)

Além disso, a ida do visitador até as casas das famílias também parece auxiliar na aderência e na acessibilidade delas ao Programa, principalmente nos casos de famílias que moram em regiões mais afastadas da cidade e não têm condições para se deslocar periodicamente até o local onde seriam realizadas as atividades.

#### 5.5.1. Relação visitador-supervisor

De modo geral, em todos os municípios os visitadores e supervisores parecem estabelecer uma boa relação. As entrevistas indicaram que os supervisores acompanham de perto o trabalho dos visitadores, auxiliando não só as visitas e sugestões de atividades, mas também nos encaminhamentos das famílias a outros serviços públicos. Somente dois supervisores mencionaram que costumam acompanhar as visitas domiciliares.

***“Sempre ela [a supervisora] tá indo com uma das visitadoras nas visitas. Todo dia ela vai com uma. Mas quando tem algum caso específico ‘ah, tô precisando de você pra esse caso’ a gente senta, conversa com ela individual e fala sobre o problema que tá tendo, e tudo. Se for o caso leva até pro CRAS, se for um assunto que ela mesma resolve aí vai e tenta resolver”***

Equipe do PCF, Salinas

Aparentemente, é mais comum a presença dos supervisores no momento de recrutamento das famílias ou quando há alguma questão familiar mais complexa a ser tratada.

Os supervisores exercem um papel essencial na hora de elaborar o Plano de Visitas, e cabe a eles, também, a tarefa de identificar as demandas, realizar os encaminhamentos e orientar os visitadores sobre os serviços do município que a família pode ter acesso.

***“E a outra parte do supervisor é a questão mesmo de encaminhamentos, de estar orientando a questão de identificar demandas, a questão de estar orientando o visitador com os serviços que têm no município, que a família pode ter acesso. Porque a gente sabe que às vezes o município tem toda uma rede, que funciona, mas como a família não sabe, passa às vezes por necessidade. Tem aquele direito, mas desconhece e acaba não fazendo. Então o supervisor, ele pode estar auxiliando bastante nessa questão. Ele vai ter um conhecimento em torno dessa rede.”***

Equipe do PCF, Tocantinópolis

***“A gente sempre leva alguma demanda, apresenta para ele [supervisor], ele ajuda a gente. Quando ele não sabe da situação ele pesquisa, ele procura outras informações e passa para a gente. E a gente, graças a deus, tem uma relação muito boa.”*** Equipe

do PCF, Maragogipe

Da parte dos visitadores, não houve reclamações a respeito do trabalho de seus respectivos supervisores, ao contrário, foram muitos os elogios registrados, ressaltando o quanto os supervisores apoiam a função dos visitadores e sugerem os devidos encaminhamentos. Houve o relato, de um visitador de São Paulo, por exemplo, sobre um caso de uma criança que escrevia as letras ao contrário. Ao ouvir conversar com o visitador, o supervisor atentou que esta questão poderia estar associada a algum

problema de caráter psicológico. Por conta disso, o visitador passou as orientações à cuidadora que, por sua vez, levou a criança ao médico.

***“Eu acredito que [o trabalho da supervisora contribui por meio da] orientação, acolhimento... A questão da supervisão mesmo, de estar ali sempre com elas. Porque como a gente é contratada de forma integral, então vai chegando a demanda e a gente já vai sanando essa demanda, então acaba que aquela angústia que elas trazem já vai sendo amenizada, entendeu?”***

Equipe do PCF, Salinas

#### 5.5.2. Desafios e recursos de apoio aos visitantes

Assim como mencionado na Avaliação de Implementação do PCF<sup>2</sup>, visitantes comentaram sobre a dificuldade na logística envolvendo as visitas. Aparentemente, nenhuma cidade pesquisada conta com transporte dedicado à equipe do Programa. Quando há, são veículos do CRAS eventualmente utilizados como apoio, mas que não transportam para todas as regiões atendidas.

Em Tocantinópolis, por exemplo, os visitantes precisam se deslocar longas distâncias para realizar as visitas das famílias localizadas nas zonas rurais e nas áreas indígenas, e por conta disso, os visitantes aproveitam para fazer todas as visitas das famílias que moram numa mesma região de uma só vez, de modo a economizar tempo e gastos. Muitas vezes para chegar até as famílias mais distantes os visitantes têm que utilizar o transporte público ou seus próprios veículos, e não são

ressarcidos pelas despesas decorrentes desses deslocamentos. Em decorrência disso, algumas cuidadoras reclamaram do tempo e da periodicidade das visitas, alegando que costumam ser breves e pouco frequentes:

***“Eu acho assim, que o tempo que eles passam aqui é bastante corrido, bastante rápido. Não dá tempo pra fazer as tarefas com calma, com bastante paciência. Quando eles passam aqui eles já vêm de outros povoados, de outros lugares, né. Aí já vem o carro e já fica bem ali esperando com as outras pessoas e a professora vem aqui rapidinho. Tem vezes que só me explica o que é para ‘mim’ fazer. Então chega a ser bem corrido, não é algo mais demorado. E pra fazer assim nas pressas com a criança não dá tempo mesmo de pegar o jeito ali com ela, interagir ela na tarefa. Aí acaba que não dá certo. Eu acho que poderia melhorar nessa parte.”***

Cuidadora, Tocantinópolis

Também foi possível notar que esse não é um problema que se restringe às zonas rurais, uma vez que mesmo nas áreas urbanas apareceram empecilhos semelhantes, segundo os relatos de visitantes. Como exemplo, por falta de meios de transporte acessíveis, os visitantes acabam tendo que percorrer longos percursos a pé ou de bicicleta para realizar as visitas:

***“O mais difícil é que a gente anda muito no sol quente. A parte mais difícil que eu acho é montar numa bicicleta, ir num bairro, ir no outro.”***

Equipe do PCF, Capitão Enéas

<sup>2</sup> Avaliação de Implementação do Programa Criança Feliz - Relatório Final. Departamento de Avaliação. Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação. Ministério da Cidadania. Brasília. 2019

Seguindo o que já foi mencionado no estudo de implementação<sup>3</sup>, as limitações de transporte, portanto, restringem a implementação do Programa a algumas áreas de cada município, em sua maioria próximas ao centro/sede. No município de Tocantinópolis, onde grande parte da população reside nessas zonas mais afastadas, tanto a supervisora quanto as visitadoras comentaram sobre a necessidade de extensão do programa para essas regiões:

***“Às vezes eu falo pra minha supervisora que deveria expandir mais pra área rural, indígena, sabe? Para dar mais oportunidade pra eles, porque a gente vê que são os que mais necessitam mesmo”***

Equipe do PCF, Tocantinópolis

Essa expansão, entretanto, só seria proveitosa se acompanhada de um apoio nessa logística, de forma a facilitar o deslocamento dos visitantes.

Em alguns casos, também foi observado que as visitas são realizadas em duplas, assim como no estudo de implementação do PCF. A justificativa dada está também relacionada ao transporte, uma vez que pode haver ocasiões em que dois ou mais visitantes se deslocam no mesmo dia para a mesma região:

***“Não precisa ir três pessoas na casa, fica muita gente. Vão duas ou três pessoas, mais o motorista que leva elas... Fica muita gente”***

Cuidador(a), Governador Mangabeira

As visitas em duplas também estão relacionadas à segurança da equipe, pois algumas regiões de atendimento são consideradas

perigosas. Por conta disso, os visitantes se sentem mais seguros trabalhando em duplas ou grupos. Assim, há situações em que uma família é atendida por mais de um visitante ao mesmo tempo, ocasionando um dispêndio não desejado de recursos do Programa. As implicações de haver mais de um visitante para os resultados do Programa não foram exploradas, no entanto, sendo recomendável serem investigadas em futuros estudos.

Em São Paulo, especificamente, como o PCF foi incorporado ao trabalho dos Serviços de Assistência Social à Família (SASF's), outra reclamação recorrente destacada pela maioria dos visitantes e supervisores está relacionada à sobrecarga da equipe. Com a aderência ao Programa, a quantidade de famílias atendidas aumentou, assim como o número de visitas domiciliares. Esse aumento de trabalho, entretanto, não foi acompanhado do aumento da equipe, resultando num enorme esforço por parte da mesma para que seja possível executar o Programa e atender às famílias:

***“Porque a gente tem as demandas das famílias normais, como orientadores socioeducativos [do SASF], que tem que fazer relatório, tem que fazer a demanda das famílias, e temos as visitas como visitante, que também tem que fazer relatório, se preocupar com as brincadeiras, a gente que tem que estar desenvolvendo as brincadeiras, o que levar pra criança na faixa etária de cada criança... Então realmente fica um pouco confuso.”***

Equipe PCF, São Paulo

<sup>3</sup> Avaliação de Implementação do Programa Criança Feliz - Relatório Final. Departamento de Avaliação. Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação. Ministério da Cidadania. Brasília. 2019



## 5.6. CONHECIMENTO TÉCNICO E CAPACITAÇÃO

A capacitação da equipe é outro elemento de extrema importância para o bom andamento do Programa e maior alcance dos resultados desejados. Por isso, o presente estudo abordou também essa temática durante as entrevistas com supervisores e visitantes.

As principais demandas identificadas em torno de conhecimentos e capacitação das equipes são:

- Forte desejo em obter mais capacitações;
- Desconhecimento de oportunidades - cursos oferecidos pelo Ministério da Cidadania, além do curso normativo inicial;
- Despreparo na abordagem de crianças com BPC ou afastadas do convívio familiar (interesse na capacitação);
- Trocas de experiências entre membros da equipe ou com equipes de outros municípios é valorizada.

As capacitações dos supervisores e visitantes ocorreram logo no início da implementação do Programa em cada município, de forma descentralizada. O Ministério da Cidadania realizou capacitações com multiplicadores da gestão estadual que, por sua vez, promoveu a formação junto aos supervisores, contratados por cada município participante do PCF. Os supervisores, por consequência, capacitam os visitantes, que também fazem parte da equipe municipal. Os materiais-base utilizados nessas formações são a Apostila sobre Cuidados para o Desenvolvimento da Criança (CDC) e os Guias para Visita Domiciliar. A participação neste curso inicial e leitura do material é obrigatória para toda a equipe colaboradora.

Embora o estudo de implementação do Criança Feliz tenha indicado que muitos visitantes não haviam passado ainda pela formação inicial no momento em que aquela avaliação foi realizada, a presente pesquisa, por outro lado, mostrou que todos os visitantes participaram de formação inicial, não havendo

menções de visitantes que não tenham passado por qualquer capacitação relacionada ao Programa.

Por outro lado, muitos visitantes e supervisores, consideraram ser bom o treinamento técnico recebido pelo PCF. Entretanto, as entrevistas indicaram um desejo geral por mais capacitação. Para lidar com as particularidades de cada município e diferentes demandas que surgem ao longo do tempo, a exemplo das adaptações que o PCF teve que passar diante da pandemia, muitos manifestaram sobre os benefícios de participar de mais formação.

***"Eu acho que é necessário [mais capacitação]. [...] Eles fizeram com a gente a capacitação, mas era novo. Estava todo mundo começando ali. A gente ainda não tinha ainda as demandas que o município traz para poder fazer os questionamentos. E hoje eu acredito que a gente tem. Tem as dificuldades, tem as sugestões. [...] O MDS criou uma capacitação que a gente faz no próprio site do MDS, capacitação virtual. Só que acho que a gente queria algo pessoalmente, igual como foram as outras, que você pode fazer uma pergunta e eles vão te responder."***

*Equipe do PCF, Capitão Enéas*

O Ministério da Cidadania, entretanto, disponibiliza cursos além daquela capacitação inicial, hospedados no site do Ministério da Cidadania. Visitantes e supervisores podem participar dos cursos, que abrem turmas com frequência bimestral. Além disso, os estados e municípios têm a liberdade de ter a iniciativa de educação permanente, de acordo com as demandas locais. Parece haver, portanto, alguma questão na comunicação e divulgação dos cursos disponibilizados pelo Ministério da Cidadania além de pouco espaço de manifestação das demandas para a equipe atuando na linha de frente do PCF.

Houve manifestações sobre a necessidade de aprofundamento e capacitação em relação a alguns temas específicos. Um deles é o atendimento de crianças que têm BPC (Benefício de Prestação Continuada). Neste caso, as visitadoras comentaram desejar maior preparo para trabalhar as especificidades de cada criança, uma vez que o ritmo de desenvolvimento delas é diferente.

***“Tem criança que é BPC [...] e a gente vai aprendendo. A gente desenvolvendo. Se a criança é BPC e não fala, eu vou trabalhar atividades relacionadas ao que eu posso desenvolver, estimular a fala daquela criança e trabalhar com a mãe para estimular a fala daquela criança”***

Equipe do PCF, Governador Mangabeira

***“Sobre as crianças em BPC né, que tem algum tipo de deficiência. Eu acho que precisava de mais algum treinamento em cima sim. Para essas crianças especiais, porque o Programa também atende, né, essas crianças com problemas especiais, então eu acho que faltou isso aí um pouquinho. Porque é bem delicado, falta um treinamento mais aprofundado, entendeu?”***

Equipe do PCF, Tocantinópolis

Crianças que estão em afastamento do convívio familiar (e se encontram acolhidas por outra família) também foi outro tema levantado. Os visitadores relatam não saber exatamente o que fazer e como acompanhar essas famílias, uma vez que o objetivo principal é o fortalecimento de vínculos com a família de origem e não com a família acolhedora.

***“Um dos objetivos do Programa é fortalecer o vínculo né, quando a criança tá com a família acolhedora ela não pode fortalecer o vínculo com a família que ela está acolhida, tem que ser com a família de origem, e aí a gente não consegue fazer esse trabalho porque ela tá afastada. Então a gente fica muito na dúvida nessa questão.”***

(Equipe do PCF, Tocantinópolis).

No preparo e desenvolvimento técnico, visitadores e supervisores destacaram a importância da prática e do contato diário com as mães para o desenvolvimento dos conhecimentos necessários para realizar seu trabalho, afirmando que cuidadoras e visitadores estão em constante e mútuo aprendizado, e que na maioria das vezes as capacitações não são capazes de fornecer todo o preparo necessário para exercer a função de visitador.

***“Pra ser honesto eu achei que foi uma coisa muito rápida [a capacitação de uma semana], e eu acredito que a maioria das pessoas que estiveram lá não tiveram um aproveitamento 100%. Mas é uma coisa que na prática, assim, na rotina do dia-a-dia, a gente vai aprendendo com os outros. Tem coisas que, por exemplo, eu não sou pai, não tenho filho nem nada, então logicamente que às vezes até as mães tem coisas que sugerem, ideias, e isso a gente vai pescando e a gente pode agregar essas informações que a gente tem, que a gente absorve das mães mesmo, e a gente já pode associar com outras crianças, com outras famílias que a gente atende, e a gente já lembra: ‘pô, tal atividade deu certo com aquela família, vamos tentar com aquela outra’, coisas da rotina mesmo.”***

Equipe do PCF, São Paulo

***"Muita coisa eu aprendi no dia a dia, lidando com as famílias, indo fazer as visitas. A gente vai aprendendo na convivência com a família."***

Equipe do PCF, Governador Mangabeira

Neste contexto, a troca de experiências adquiridas no dia-a-dia, não somente entre membros de uma mesma equipe, mas também entre colaboradores do Programa de cidades diferentes, é algo que alguns manifestaram sua importância, sendo esta uma prática que já ocorre, aparentemente, entre alguns colaboradores e que pode continuar a ser estimulada pelo Programa.

***"Eu sinto falta de um diálogo maior. Tem situações que na verdade a gente vai aprendendo no dia a dia. Com situação de sistema, de algumas fichas, de alguns acompanhamentos que a gente tem dificuldade, até o próprio diálogo. Mas dentro do possível a gente vai buscando, interagindo com grupos de outros municípios."***

Equipe do PCF, Maragogipe

***"É muito válido um grupo que a gente tem de supervisores. Alguns supervisores colocam [no grupo do Whatsapp], fazem sugestões, compartilham o trabalho que eles fazem. E isso está sendo bom para a gente".***

Equipe do PCF, Capitão Enéas

## 5.7. POTENCIAIS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO E INSTITUIÇÕES DE APOIO

Reconhecendo que o desenvolvimento da criança é um processo de extrema complexidade, com incontáveis fontes de incentivo, tais como o afeto e estímulos que recebe dos familiares, acesso a objetos com texturas e cores variadas, espaços que permitem movimentos diversos, etc., esta pesquisa procurou identificar outras fontes de informação sobre cuidados com as crianças acessadas pelos cuidadores, para além do PCF, bem como veículos de comunicação comumente utilizados.

As principais fontes de informação e comunicação discutidas foram as seguintes:

- O Whatsapp é um veículo de comunicação bastante acessível entre os cuidadores e passou a ser usado com bastante frequência durante a pandemia da COVID-19 no apoio das atividades sugeridas pelo Programa;
- Sobre outras fontes de informação sobre cuidados com crianças, poucos cuidadores fazem esse tipo de busca ativa na internet, televisão ou rádio;
- Com relação a outros espaços de apoio, as instituições religiosas mostraram estar bastante presentes na rotina de muitos cuidadores, abordando questões sobre cuidados com as crianças, inclusive.

## 5.7.1. Whatsapp – Acesso e limitações

Dados recentes da PNAD Contínua do IBGE (2018) mostram que o Brasil possui 220 milhões de celulares ativos, quantidade maior que o número de habitantes (207,6 milhões). O celular também é o equipamento mais usado para acessar a internet, encontrado em 99,2% dos domicílios com o serviço. Em termos de redes sociais, o WhatsApp é o mais popular, presente em 99% dos smartphones do país (Panorama Mobile Time/Opinion Box - Mensageria no Brasil - janeiro de 2020).

Diante dessa realidade, as tecnologias de comunicação estão sendo cada vez mais utilizadas como instrumento de reforço para serviços e políticas sociais. Um estudo recente explorou a experiência de uma Unidade Básica de Saúde no sertão pernambucano, em Petrolina/PE, que criou um canal de comunicação via WhatsApp para fortalecer o vínculo com a comunidade local e compartilhar conhecimento em saúde como estratégia de enfrentamento a COVID-19 (Cardona Júnior; Andrade; Caldas, 2020).

No presente estudo, identificou-se durante o trabalho de campo que a grande maioria das famílias que fizeram parte da amostra possui acesso à internet e consegue facilmente usar o aplicativo. Há, entretanto, alguns casos em que as pessoas não possuem celular ou que o aparelho não tem acesso regular à internet, principalmente nos municípios de Capitão Enéas e Governador Mangabeira.

No âmbito do PCF, o uso do WhatsApp começou a ser particularmente útil após o início do isolamento social em decorrência da pandemia da COVID-19. Em 27 de abril de 2020 a Secretaria Especial de Desenvolvimento Social do Ministério da Cidadania publicou a Portaria Conjunta nº I, detalhando os procedimentos que deveriam ser adotados para que as visitas do PCF pudessem continuar, determinando o uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI), o distanciamento de pelo menos um metro e meio entre as pessoas e a utilização de espaços mais arejados para o atendimento à família.

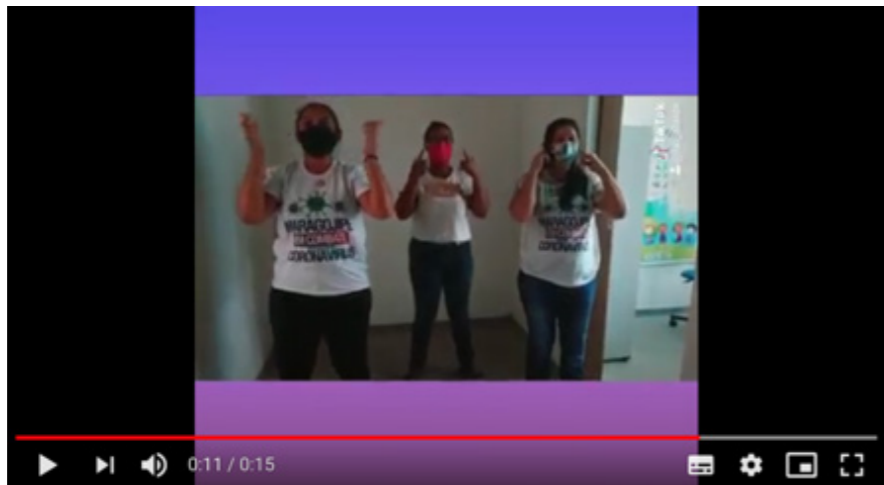
A mesma Portaria estabeleceu que caso o estágio da pandemia avançasse, as visitas presenciais deveriam ser substituídas por estratégias de acompanhamento remoto via telefone, WhatsApp, vídeo e outros meios de comunicação.

Nos municípios estudados, as equipes têm, portanto, realizado visitas domiciliar com distanciamento social (conversas na porta de casa) ou atendimento remoto durante o período de pandemia. As visitas domiciliares com distanciamento são realizadas principalmente no caso das famílias que não possuem celular ou acesso à internet, mas com o tempo de duração reduzido de 45 para 20 minutos.

A maneira como o atendimento remoto acontece varia entre os municípios. Em Maragogipe e Tocantinópolis, cada visitador criou um grupo de WhatsApp com os cuidadores que acompanham, por onde enviam as atividades em forma de vídeo, fotos e texto. Os cuidadores são incentivados a postar no grupo fotos das crianças realizando as atividades, o que serve como incentivo para que outros cuidadores também façam as atividades. Nos outros municípios, o contato visitador-cuidador permaneceu individual.

***“Vou te explicar como que eu faço. Primeiro eu gravo um vídeo de como que é a atividade, com algum objeto ou material que a família possa ter em casa. Objetos simples. Aí eu gravo um vídeo. Aí eu converso com a família, com a mãe da criança, e mando o vídeo. Depois eu marco o horário pra gente fazer a chamada de vídeo, pra ela estar me demonstrando como que tá sendo realizada [a atividade]”.***

Visitador(a), Tocantinópolis



Screenshot de vídeo produzido pela equipe do PCF no município de Maragogipe (BA), enviado via WhatsApp para os cuidadores. Vídeo mostrava canção infantil sobre partes do corpo.

Foi possível observar, entretanto, que nem todas as famílias recebiam essas atividades, e que a periodicidade também era inconstante. Muitas cuidadoras relataram não gostar desse formato, e houve também casos de famílias que perderam o contato com as visitadoras durante a pandemia, principalmente no município de Capitão Enéas.

Antes da pandemia, as equipes de todos os municípios utilizavam o Whatsapp para se comunicar entre si, embora não vejam o aplicativo como uma ferramenta imprescindível já que se reúnem pessoalmente com frequência para os planejamentos ou mesmo no dia a dia de trabalho. Ao mesmo tempo, a comunicação com as famílias por WhatsApp, ocorria para tratar de questões pontuais, como marcar ou desmarcar visitas e esclarecer pequenas dúvidas sobre as atividades.

***“Ela manda WhatsApp perguntando como tá a criança, avisando quando ela vem. Se eu preciso eu mando uma mensagem pra ela e ela vem [...]”***

Cuidador(a), Governador Mangabeira

Embora o WhatsApp seja um instrumento importante para dar continuidade ao atendimento, principalmente durante crises como a da COVID-19, ficou bastante evidente que tanto as famílias quanto as equipes consideram que este deve ser um mecanismo apenas de reforço às visitas domiciliares, não devendo, de forma alguma, substituir o contato presencial em situações convencionais. Além de as visitas presenciais favorecerem os vínculos entre visitador e cuidador e possibilitar um conhecimento melhor das configurações, condições e cuidados cotidianos de cada família (FMCSV, 2018), nem todos os cuidadores possuem smartphone ou acesso regular à internet.

***“Quero muito que essa pandemia acabe, para poder ser mais presente.”***

Cuidador(a), Maragogipe

***“Eu acho que para o nosso tipo de público, colocar o WhatsApp é algo muito complicado. Eu acho que nesse momento, nessa travessia que nós estamos da pandemia, que eu espero que isso passe logo, eu acho que é necessário utilizar esses meios. Mas eu não acho que é uma coisa que tenha que permanecer como prioridade, sabe? Eu acho ainda que a presença do corpo se faz necessária, pra fazer até uma análise da questão do sujeito e compreender como é o contexto onde essa família está inserida. Eu acho que o WhatsApp complementa nesse momento, ou para alguma informação de urgência ou emergência, mas não como algo pra fazer intervenções”.***

Supervisor, Salinas

### 5.7.2. Outros veículos de comunicação

A comunicação por rádio e outros meios tradicionais sofreu transformações notáveis desde a adoção de plataformas digitais. Estudos mostram que os meios de comunicação digitais têm mudado a forma como as pessoas interagem e participam (Peña Jiménez, 2012), o que de fato ficou evidente nos municípios estudados.

Nesse sentido, embora o WhatsApp seja o meio de comunicação mais comum em todos os municípios, durante o trabalho de campo buscou-se explorar outras ferramentas utilizadas para otimizar os encontros entre equipe e cuidadores e para divulgar informações sobre o PCF, como programas de rádio, televisão e materiais impressos.

Em Maragogipe, Salinas e Governador Mangabeira, no entanto, existe uma rádio local acessível por alto falante. As equipes do PCF desses municípios já tiveram a oportunidade de ir à rádio falar sobre como o programa funciona, e algumas cuidadoras relataram ter sido esta a única vez em que ouviram falar sobre algo relacionado à infância em um programa de rádio, ocasião em que tiveram a oportunidade de participar ao vivo enviando perguntas.

Além das rádios locais, é comum a presença de carros de som em municípios de pequeno porte. Esses carros circulam pelas ruas da cidade divulgando informações para as comunidades. Em Tocantinópolis, o carro de som é bastante utilizado para informar sobre o PCF, principalmente para levar informação aos bairros mais afastados e áreas indígenas, onde as famílias não têm acesso à internet.

Embora os cuidadores tenham afirmado assistir televisão com frequência, pouquíssimas pessoas relataram usar esses meios como fonte de informação sobre cuidados ou desenvolvimento infantil. A televisão também não é um meio de informação muito utilizado pelas cuidadoras. Entre aqueles que comentaram assistir programas de televisão relacionados aos

cuidados com as crianças, foram mencionados 'Papo de Mãe, da TV Cultura, Super Nanny e TV Escola.

Nos municípios de São Paulo (SP) e Salinas (MG) houve menção à utilização de aplicativos de celular para acompanhar o desenvolvimento da criança e também do YouTube. Sobre este último, entrevistados relataram buscar vídeos sobre brincadeiras para fazer com a criança e receitas de comidas que despertem o interesse da criança pelo alimento preparado.

Em Tocantinópolis e Salinas, a equipe do PCF registrou que utiliza as redes sociais como Facebook e Instagram do CRAS para informar sobre o PCF e engajar as famílias por meio da publicação de fotos das visitas e encontros.

### 5.7.3. Potenciais Espaços de Reforço e Apoio

Os documentos de orientação do PCF reforçam o caráter intersectorial do Programa, que deve envolver diferentes políticas públicas que visem promover o desenvolvimento integral das crianças na primeira infância. Para que essa intersectorialidade seja efetivada, é necessário que a equipe esteja alinhada com outras instituições e tenha conhecimento da oferta de políticas e serviços da rede local nos campos da assistência social, saúde, cultura, educação e direitos humanos (Guia de Visitas Domiciliares).

Nesse sentido, os visitantes, por acompanharem frequentemente a rotina de cada família, registrando as demandas de cada uma delas, se tornam uma espécie de interlocutor em relação a outros serviços ou políticas públicas.

***"O Programa Criança Feliz tem seu papel fundamental mas aí entra também o papel do Conselho Tutelar [...]. Às vezes o Criança Feliz está ali acompanhando mas precisa de um atendimento no CRAS ou quem sabe até***

**no CREAS, quando há direito violado. O que vai mudar, o que vai fazer o novo, o que vai fortalecer, e o que vai trazer para as famílias a segurança não é simplesmente o Criança Feliz. Começa tudo pelo Criança Feliz mas aí, essa criança vai precisar de um apoio da Rede. [...] O que vai fazer valer esse Programa é toda essa Rede trabalhando junta, de mãos dadas.**

Liderança, Maragogipe)

Em todos os municípios o CRAS representa uma importante instituição de apoio ao PCF, cumprindo um papel de articulador e mobilizador das famílias. Pelo fato de oferecer um conjunto de serviços socioassistenciais, o CRAS é uma porta de entrada para famílias que precisam de proteção social básica. Por isso, a equipe do PCF encaminha as famílias para atendimento no CRAS quando as demandas que surgem durante as visitas ultrapassam as atribuições do programa e a família necessita de um outro tipo de atendimento socioassistencial.

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), ofertado a crianças de 0 a 6 anos é executado nos Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) ou nos Centros de Convivência. Esses dois locais foram apontados como espaços importantes para fortalecer as recomendações do PCF já que a criança pode passar a frequentar o SCFV quando atinge a idade limite e precisa deixar de participar do PCF.

**“O Criança Feliz está conversando muito com o Serviço de Convivência nas atividades remotas. Porque o Serviço de Convivência atende idades maiores, e o primeira infância atende idades menores. Aí elas ficam pensando o que é possível fazer junto.”**

Liderança, Governador Mangabeira

**“Quando a criança completa 3 anos e o programa exclui, aí eu faço um Ofício e encaminho pro CRAS. O CRAS tem o Serviço de Convivência, no CRAS mesmo, aí eu encaminho essa criança pra dar continuidade lá no programa”**

Equipe PCF, Salinas

O CRAS também apareceu como um espaço importante para encontros comunitários, reuniões, palestras e eventos de apoio ao PCF e a outros serviços.

**“Teve um dia que eles fizeram uma reunião e tavam falando que às vezes as mães também dependem muito de ajuda. Às vezes as mães têm um problema e pensam mais nos filhos do que nelas mesmas.”**

Cuidadora, Salinas

Os eventos realizados em parceria com outras instituições são momentos importantes de reforço às orientações do PCF. Em alguns municípios são realizados eventos em parceria com outras áreas, como educação e saúde.

**“A gente fez algumas ações em alguns locais, onde a gente recebeu os pais, as crianças. Então lá aconteciam várias atividades, inclusive a parte de avaliação nutricional, orientação dos pais em relação à importância da alimentação. Não só os nutricionistas, mas outros profissionais também trabalharam. A gente teve uma fonoaudióloga que fez uma avaliação do ouvido... A gente associou o nosso trabalho [da equipe do Grupo de Apoio à Saúde da Família] a essas ações.”**

Liderança, Salinas

As equipes reconhecem a importância de articulação com outras áreas como forma de garantir os direitos das crianças do município:

***"Tem a parceria com a saúde, com a educação, se você precisar. Se algum irmão dessa criança que eu visito não está encaixado em alguma rede escolar, a gente já procura. A gente dá o primeiro passo porque as vezes a pessoa não sabe."***

Equipe PCF, Capitão Enéas

***"Com Educação, com a Saúde. A gente fez alguns eventos e aí teve a participação da equipe da saúde, da educação. A gente mantém sempre esse vínculo com as outras instituições."***

Equipe PCF, Maragogipe

Embora em certa medida exista uma articulação nas redes socioassistenciais dos municípios estudados, muitas cuidadoras relataram sentir falta de uma maior integração entre os serviços. Para além da equipe de atendimento, foi colocado que seria importante haver na equipe do CRAS pelo menos um funcionário da saúde especializado na área da infância, como por exemplo pediatras, psicólogos, fonoaudiólogos e nutricionistas, com disponibilidade para visitar as famílias quando necessário.

***"A sugestão que eu tenho é a de sempre. Às vezes a gente precisa de ajuda e eu gostaria que a gente recebesse essa ajuda [...] Na educação, na saúde... Às vezes a gente precisa de uma pediatra e não acha. O CRAS deveria ter uma pediatra".***

Cuidadora, Governador Mangabeira

***"Aqui, nem o posto médico tem um pediatra para com que a gente possa ir e conversar. Só tem atendimento de urgência, emergência."***

Cuidadora, Maragogipe

Fora da rede de serviços públicos socioassistenciais, as instituições religiosas apareceram como os principais espaços de sociabilidade em todos os municípios. Muitas cuidadoras mencionaram frequentar espaços religiosos, e relataram que são lugares também utilizados para o compartilhamento de informações e conhecimentos sobre maternidade e sobre cuidados com a criança.

***"A Igreja Batista tem um espaço para as crianças que é maravilhoso. Minhas meninas gostam de ir lá porque lá tem a escolinha separada entendeu? Tem para as crianças menores, para as maiores, e a gente fica no outro salão."***

Cuidador(a), Capitão Enéas

***"O pastor sempre fala, uma vez por semana, ele comentava [sobre cuidados com as crianças]."***

Cuidador(a), Maragogipe



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Com base na pesquisa realizada, a percepção geral dos entrevistados sobre o Programa é a de que ele traz muitos benefícios às famílias e crianças atendidas, destacando-se o fortalecimento dos vínculos criança-cuidador, uma melhoria no diálogo e paciência no trato com as crianças, além de momentos dedicados ao brincar.

Sabendo que a pandemia mudou drasticamente os meios de intervenção do Programa, estabelecendo contato remoto ou "semi-presencial" entre cuidador e visitador, novos canais de comunicação, em especial o WhatsApp, podem ter sido abertos permanentemente de forma a beneficiar a todos. O público entrevistado, entretanto, destacou a importância das visitas presenciais, que devem ser restabelecidas após os riscos de contaminação pelo coronavírus terem sido controlados. Por outro lado, pode ser interessante aproveitar esse novo espaço de contato que o WhatsApp proporciona considerando, por exemplo, intercalar visitar presenciais e remotas com famílias que não tem muita disponibilidade para receber os visitantes.

**Recomendação: Expansão do Programa de modo a atender um maior número de famílias. Caso o PCF enfrente restrições orçamentárias, entretanto, que impossibilite a contratação de mais supervisores e visitantes, avaliar o atendimento a algumas famílias utilizando um modelo “misto” de visitas presenciais e remotas.**

Além do fortalecimento de vínculos cuidador-criança, o Programa tem como objetivo trabalhar as outras relações familiares que giram em torno da criança beneficiada. Nesse sentido, as entrevistas sugerem que há espaço para que o Programa colabore, particularmente, com o estreitamento dos laços fraternos nos domicílios visitados. Além de não haver dúvidas de que essas relações são benéficas para toda a

família, é possível também pensar o irmão enquanto agente mediador de conhecimento. Os irmãos encorajam, ajudam, partilham experiências e têm vínculo afetivo com as crianças. Ao envolver os irmãos, o Programa acaba por aproveitar ainda mais os recursos já alocados para a visitação das famílias selecionadas. Se beneficiando indiretamente, o irmão pode também contribuir fortemente para o desenvolvimento social, cognitivo e emocional de ambos. Nesse sentido, se fortalece a rede familiar e melhora o clima emocional e de compartilhamentos de aprendizagens no lar.

**Recomendação: Avaliar a possibilidade de trazer os irmãos para um papel mais central no Programa, envolvendo-os nas atividades a depender de suas características e interesse em participar.**

Com relação às atividades propostas, muitos cuidadores declararam gostar muito das sugestões feitas pela equipe, não havendo grandes dificuldades de execução das mesmas. Como o proposto pelo Programa aparenta proporcionar mais momentos de brincadeiras entre cuidador e criança, cabe também destacar, no entanto, o quanto as atividades sugeridas estão de fato incentivando mudanças permanentes/sustentáveis de comportamento e conhecimento dos cuidadores. Por meio da ressignificação de objetos e o brincar imaginário, a criança se distancia das ações motoras (imaginário inicial; ex: imitar dar comida a boneca) para entrar no mundo imaginário e simbólico, da representação sobre objetos (imaginário substitutivo; ex: atribuir significado a uma vassoura como se fosse um cavalo) e do “faz de conta” (imaginário sociodramático; ex: representação de papéis na brincadeira) (2 a 3 anos) (Piaget, 1975; Boyd & Bee, 2011).

As atividades atualmente propostas pelo Programa parecem deixar os cuidadores com uma postura ainda passiva, estimulando pouco a imaginação e as infinitas formas de

brincar que podem ser sugeridas pelos próprios cuidadores. Cabe então se perguntar o quanto o PCF exerce o papel de “provocador” dos cuidadores? Para além das atividades propostas, o objetivo é que os cuidadores continuem realizando e criando brincadeiras com as crianças independente da presença do visitador, assegurando a sustentabilidade das mudanças já efetuadas. Em suma, o PCF deve ter como meta a assimilação e a acomodação das atividades nos repertórios dos cuidadores de modo a promover e estimular o desenvolvimento das crianças.

**Recomendação: Além das brincadeiras e atividades sugeridas, considerar trabalhar com os cuidadores e crianças incentivando o exercício da ressignificação de objetos e espaços e o brincar imaginário, de modo que eles possam ser estimulados a criar atividades e brincadeiras.**

Além de atividades sugeridas que proporcionam momentos de brincar, não houve menções durante as entrevistas sobre propostas que possam apoiar as atividades de autocuidado necessárias do dia a dia, como hora do banho, hora das refeições etc. Sugestões de canções para esses momentos ou ações podem ajudar a tornar esses momentos mais lúdicos e divertidos, apoiando a funcionalidade da rotina familiar e contornando a questão de falta de tempo para se dedicar a hora do brincar. Na hora de dormir, por exemplo, pode-se enfatizar a importância da “contação” de histórias, como alternativa à leitura. Isso pode criar hábitos mais saudáveis, promover o vínculo e o desenvolvimento, tornando a rotina diária mais prazerosa.

**Recomendação: Pensar e repassar aos cuidadores sugestões que possam apoiar a execução de tarefas domésticas cotidianas com atribuição de significados lúdicos, podendo ser esse um tópico abordado nas capacitações das equipes do PCF.**



Fonte: Equipe do PCF de Capitão Eneas (MG)

Ainda que alguns cuidadores tenham manifestado que tem o costume de ler com as crianças, outros registraram que não têm esse hábito. É importante que a prática de leitura seja incentivada pela equipe de atendimento desde o primeiro ano de vida, e que sejam criadas pelo programa estratégias para maior oferta de livros adequados para crianças de diferentes idades dentro da faixa-etária atendida pelo programa.

**Recomendação: Além dos materiais já oferecidos (massinha, tinta, palitos de sorvete etc.), fornecer cartilhas ou livros ilustrados para levar às famílias de modo a incentivar a leitura com as crianças. A leitura estimula na criança o simbolismo, a fantasia, a linguagem, as emoções e as relações interpessoais com o contador de histórias.**

Há uma evidente predominância de mulheres/mães como principais responsáveis pelas crianças ao contrário dos pais/homens, que parecem ter um envolvimento muito menor com os cuidados e brincadeiras de maneira geral. As ações do Programa, por sua vez, parecem também estar muito centradas nas mães, produzindo poucas atividades e discursos que podem atrair mais a participação dos homens. Como seria possível, portanto, aumentar o engajamento dos homens nos cuidados e brincadeiras com as crianças? Nesse sentido, há questões que podem ser consideradas pelos gestores do PCF de modo a contribuir com mudanças nessas relações e divisões de tarefas familiares.

Em primeiro lugar, cabe perguntar se as atividades propostas são brincadeiras que atraem as atenções dos homens. Quando os pais/homens brincam com as crianças, quais tipos de brincadeiras eles gostam de realizar? Os pais/homens têm um papel importante para o desenvolvimento das crianças, denominado “abertura para o mundo”, na medida em que estimulam as crianças a assumir alguns riscos, persevera diante de desafios e disciplinadores (Gaumon & Paquete, 2013; Kolteramann, Douza, Bueno, Paraventi, & Vieira, 2019). Nesse sentido, os pais/homens gostam de engajar as crianças em tarefas que tragam desafios, mas sempre com proteção para que a criança se sinta confiante e protegida. Parece importante pensar em atividades que estimulem o desenvolvimento das crianças, mas adaptadas aos tipos de brincadeiras também atrativas para os pais/homens. Em segundo lugar, quando o pai habita o mesmo domicílio, as visitas parecem ocorrer em momentos em que ele não está em casa, fazendo com que eles tomem conhecimento das sugestões e informações passadas pelos visitantes somente por meio da mãe. Devemos, então, manter a expectativa de que a mãe irá transmitir ao pai as informações sobre cuidados e brincadeiras recomendadas? Por último, assim como as mães tendem a se identificar mais e

preferir visitadoras mulheres, o mesmo pode ocorrer com os homens e visitantes homens, estimulando então uma maior participação e envolvimento dos pais.

**Recomendação: Pensar e sugerir atividades que atraem mais a atenção dos homens e considerar realizar parte das visitas em horários em que eles estão presentes em casa. Avaliar a possibilidade de alocar visitantes homens para trabalhar com os pais/homens. Além disso, avaliar a possibilidade de estabelecer parcerias com instituições locais que trabalhem com homens.**

É inegável a importância que outras instituições, tais como postos de saúde e escolas, têm para o desenvolvimento das crianças e para a promoção da troca de experiência entre as famílias. A igreja, em particular, foi muito mencionada nas entrevistas, sendo esta um espaço que promove encontros, ensinamentos e trocas. Além dos espaços físicos, as trocas podem também ocorrer em ambientes virtuais, como grupos de WhatsApp, que já se mostrou acessível para muitas famílias. De maneira geral, a comunicação entre as famílias podem reforçar padrões e boas práticas entre as famílias beneficiadas e até outras famílias da mesma comunidade.

**Recomendação: Trabalhar canais de comunicação com a igreja e criar grupos no WhatsApp, que promovem a troca de experiências, podendo esse ser um modelo adotado para aqueles cuidadores que tiverem interesse em participar.**

Por ser um Programa de escala nacional, alguns detalhes relacionados à implementação do PCF muda (e deve mudar) de município para município em resposta às demandas particulares de cada região. Algumas dessas diferenças se sobressaíram

ainda mais em meio ao cenário de pandemia, onde as equipes do PCF tiveram que se adequar às recomendações de isolamento social. Embora o Programa apresente características muito particulares, como o acompanhamento domiciliar e o incentivo ao brincar, cabe perguntar quais dessas características devem ser preservadas independente do município (fazendo do PCF o PCF), e quais são os elementos "negociáveis". No caso da relação dos visitantes e crianças beneficiadas e outras crianças da casa, por exemplo, as entrevistas mostraram que não há um padrão de contato estabelecido entre eles. Além disso, os testemunhos sugerem que a interação visitante-crianças parece ser um aspecto positivo e pode inclusive auxiliar o bom desempenho das visitas, ao promover um engajamento maior por parte das cuidadoras e da criança. Mais que isso, a interação entre visitante-criança pode constituir uma estratégia para conquistar a empatia das cuidadoras e motivá-las a aderir de forma mais consistente às recomendações do programa, ao perceberem que aquele é um momento prazeroso e confortável para a criança. A forma como se dão essas relações, portanto, podem ficar a critério de cada visitante ou deve o Programa estabelecer diretrizes nesse sentido?

**Recomendação: Padronizar as capacitações das equipes, destacando quais ações e atitudes das equipes do Programa devem ocorrer de forma homogênea, independente do município.**

Embora o Ministério da Cidadania ofereça cursos on-line, além da capacitação obrigatória no início, a maioria dos membros da equipe registrou que gostaria de participar de mais capacitações de modo a auxiliá-los no trabalho com o PCF. Poucos pareciam conhecer os cursos oferecidos pelo Ministério. Além de tópicos relacionados a sugestões de brincadeiras, atividades e engajamento dos pais, que podem ser de interesse das equipes, as entrevistas registraram também diferenças de

interesse e aderência entre “mães de primeira viagem” e aquelas que já tem outros filhos.

**Recomendação:** Aumentar a frequência e variedade de cursos para todas as equipes, promovendo constantemente a renovação de conhecimento, trocas de experiências e esclarecimento de dúvidas diante de novas demandas das famílias. Além de cursos abordando crianças afastadas do convívio familiar e famílias que fazem parto do BPC, as capacitações podem abordar para esses perfis diferentes de mães mencionados.

Ficaram registradas barreiras relacionadas à logística das equipes do PCF, dificultando o trabalho dos visitantes e, possivelmente, comprometendo o alcance do Programa.

**Recomendação:** Disponibilizar veículos à equipe para deslocamento e atendimento de locais mais afastados, melhorando as condições de trabalho, poupando, por exemplo, longas exposições dos visitantes ao sol nos trajetos percorridos.

O desenvolvimento da primeira infância ocorre de maneira extremamente complexa. Reconhecendo a importância desta etapa na vida das pessoas, o Programa Criança Feliz procura colaborar com o desenvolvimento das crianças realizando algumas intervenções por meio de visitas domiciliares. Esse estudo procurou apoiar as próximas fases do PCF, incluindo questões de interesse de seus gestores. Ao mesmo tempo, outros pontos importantes para o Programa podem não ter sido abordados uma vez que, além de haver limitações de tempo e recursos para a execução da pesquisa, são inúmeras as variáveis que moldam o desenvolvimento da primeira infância, não sendo possível abordar todas elas em uma única pesquisa.

**Recomendações:** Para futuras pesquisas, são muitas as áreas temáticas que podem ser abordadas destacando-se, no entanto, questões envolvendo práticas parentais educativas de disciplina sendo realizadas pelos cuidadores e atividades, brincadeiras que os pais/homens gostam ou gostariam de realizar, relação entre o tempo da visita e a assistência prestada pelo PCF e implicações de haver mais de um visitador no momento da visita.

## 7. BIBLIOGRAFIA

Al- Hassan, S.M. and Lansford, J.E. (2011). *Evaluation of the Better Parenting Programme in Jordan*. Early Child Development and Care 181(5): 587–98.

Bowlby, J. (1969) *Attachment and loss*. Vol 1. Attachment. New York: Basic Books

Bowlby, J. (1982) *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes.

Boyd, D. & Bee, H. (2011). *A Criança em crescimento*. São Paulo: Artmed.

Cardona Júnior, A., Andrade, C., & Caldas, L. (2020). Educação em saúde: programa e canal de comunicação via WhatsApp da unidade básica de saúde do N6 para comunidade rural do sertão pernambucano. APS EM REVISTA, 2(2), 137-141.

Center on the Developing Child Harvard University (2010) *Serve and Return*. Retirado de <https://developingchild.harvard.edu/science/key-concepts/serve-and-return/>

Crugnola, C. R., Lerardi, E., Albizzati, A., & Downing, G. (2018). Promoting responsiveness, emotion regulation, and attachment in young mothers and infants: An implementation of video intervention therapy and psychological support. In H. Steele, & M. Steele (Eds.), *Handbook attachment-based interventions* (pp. 441-465). New York: The Guilford Press.

Engle, P.L., Fernald, L.C., Alderman, H., Behrman, J., O’Gara, C., Yousafazi, A. et al. and the Global Child Development Steering Group. (2011). Child Development 2: Strategies for reducing inequalities and improving developmental outcomes for young children in low-income and middle-income countries. *Lancet* 378: 1339–53

Fisher, P., Frenkel, T. I., Noll, L. K., Berry, M., & Yockelson, M. (2016). Promoting healthy child development via two-generation translational Neuroscience framework: The Filming Interactions to Nurture Development Video Coaching Program. *Child Development Perspectives*, 10(4), 251-256.

Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. Visita domiciliar como estra-

tégia de promoção do desenvolvimento e da parentalidade na primeira infância [recurso eletrônico] / Fundação Maria Cecília Souto Vidigal; organização Núcleo Ciência pela Infância - São Paulo (SP): FMCSV, 2018. 16 p.

Gaumon, S. & Paquete, D. (2013). The father-child activation relationship and internalising disorders at preschool age. *Early Child Development and Care*, 183 (3-4), 447-463.

Gartstein, M. A., Crawford, J., & Robertson, C. R. (2008). Early markers of language and attention: Mutual contributions and the impact of parent-infant interactions. *Child Psychiatry & Human Development*, 39(1), 9-26.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018. Outras formas de trabalho 2018. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101650\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101650_informativo.pdf) Acesso em: 01 de setembro de 2020.

Koltermann, J. P., Souza, C. D. de, Bueno, R. K., Paraventi, L., & Vieira, M. L. (2019) Openness to the world by fathers and mothers of preschoolers in two-parent families. *Paidéia*, 29, 1-8.

Leclère, C., Viaux, S., Avril, M., Achard, C., Chetouani, M., Missonnier, S., & Cohen, D. (2014). Why synchrony matters during mother-child interactions: A systematic review. *PLoS One*, 9(12), e113571.

Linhares, M. B. M., & Martins, C. B. S. (2015). The self-regulation process on child development. *Estudos de Psicologia*, 32(2), 281-293. *Nurturing Care - for Early Childhood Development* (2020). Retirado de <https://nurturing-care.org/>

*Nurturing Care Framework: Why nurturing care?* (2020). Retirado de [https://www.who.int/maternal\\_child\\_adolescent/child/nurturing-care-framework-rationale/en/](https://www.who.int/maternal_child_adolescent/child/nurturing-care-framework-rationale/en/)

Panorama Mobile Time/Opinion Box - Mensageria no Brasil - Janeiro de 2020. Disponível em: <https://panoramamobiletime.com.br/pesquisa-mensageria-no-brasil-fevereiro-de-2020/>. Acesso em

24 setembro. 2020.

Peña Jiménez, P. (2012). Nuevas formas de participación. Interactividad y redes sociales en la radio española. *Telos*, 92, 105-117.

Papalia, D.E. & Feldman, D. (2013) *Desenvolvimento Humano*, Porto Alegre: Artmed, 12ª ed.

Piaget, J. (2014) Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança. Rio de Janeiro: Wak Ed.

Piaget, J. (1926). *A representação do mundo na criança* (Fiúza, R., Trad.). Rio de Janeiro: Record.

Piaget, J. (1959). *A Linguagem e o Pensamento da Criança* (Campos, M. Trad.). 6ª Ed. São Paulo. Martins Fontes.

Piaget, J. (1975). *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*, Rio de Janeiro: Zahar, 2ª ed.

Piaget, J. (2002). *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro: Florence, 24ª ed.

Sameroff, A. J., & Fiese, B. H. (2000). Transactional regulation: The developmental ecology of early intervention. In J. P. Shonkoff, & S. J. Meisels (Eds.), *Handbook of early childhood intervention* (2nd ed., pp.135-150). New York: Cambridge University Press.

Shonkoff, J. P. (2010). Building a new biodevelopmental framework to guide the future of early childhood policy. *Child Development*, 81(1), 357-367.

Vygotsky, L. S. (1998). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 6ª. ed.

Vygotsky, L. S., Luria, S.; Leontiev, A. N. (1988). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem* (Tradução de Maria da Penha Villalobos). São Paulo: Ícone, 2ª. ed.



[www.plan-eval.com](http://www.plan-eval.com)